



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**O SENTIMENTO DE MENOS VALIA NA
CONSTITUIÇÃO DA NEUROSE**

MARIA DE FÁTIMA SANTOS

Brasília
Novembro de 2006

MARIA DE FÁTIMA SANTOS

**O SENTIMENTO DE MENOS VALIA NA
CONSTITUIÇÃO DA NEUROSE**

Monografia apresentada como parte dos requisitos necessários para conclusão do curso de graduação em Psicologia do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília. Professora orientadora: Dra. Carlene Maria Dias Tenório.

Brasília
Novembro de 2006

Às pessoas que, conscientemente, escolheram abandonar velhos padrões repetitivos de comportamentos improdutivos, para permitirem o aparecimento de novas formas de crença e ação, para se tornarem elas mesmas.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais que, amorosamente, possibilitaram minha vinda a este mundo e que com todas as dificuldades, não deixaram de oferecer apoio e suporte afetivo e espiritual, para que eu pudesse seguir em frente na caminhada que iniciamos juntos e ainda tenho o privilégio de compartilhar.

À Carlene Maria Tenório Dias, professora e orientadora que com competência, delicadeza e bom humor, ajudou-me na elaboração deste trabalho e que me ensinou novos meios para libertar-me das teias que rompem o fluxo natural da vida, ensinando-me a viver mais plenamente.

Às entrevistadas desta pesquisa, agradeço pela confiança e pela gentil contribuição em partilhar suas histórias de vida, tornando possível este trabalho. Por ter propiciado uma melhor compreensão do sofrimento humano, tornaram-me mais capaz de realizar o meu propósito: iluminar caminhos.

Aos meus irmãos e irmãs pelo que há de especial e único em cada um.

À minha inseparável amiga Orides Alves da Fonseca, pelo inestimável apoio e colaboração ao longo do curso e por mostrar-me esse mundo novo de infinitas possibilidades para evoluir.

Aos clientes, que me aceitaram e que me ajudaram nestes meus primeiros passos desta profissão, a minha gratidão especial.

Às minhas amigas da faculdade e do estágio pela amizade e colaboração durante o tempo que estivemos juntas.

Aos amigos, funcionários e sócias do Restaurante Girassol, pela amizade e incentivo.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho teve por objetivo compreender como o sentimento de menos valia se desenvolveu ao longo da história de vida do sujeito e qual o seu papel no processo de constituição da neurose. Com base em pressupostos teóricos de diferentes áreas da psicologia, procurou-se definir o que é sentimento de menos valia e como ele se desenvolve, bem como, compreender os seus reflexos nos processos das relações interpessoais. O conceito e desenvolvimento da neurose foram vistos no âmbito da psicanálise e da Gestalt Terapia, a partir de leitura crítica e variada de autores das referidas áreas, visando compreender como o sentimento de menos valia atua nos processos dinâmicos da personalidade do indivíduo, contribuindo para a constituição da neurose. Por meio de entrevistas com três sujeitos, gravadas em áudio e posteriormente transcritas, buscou-se coletar dados para fins de confirmação dos pressupostos teóricos. A análise dos resultados foi feita com base no modelo de Bardin (1979) e sua discussão em conformidade com os fundamentos teóricos da pesquisa bibliográfica. A conclusão apresentada pela autora mostra que o sentimento de menos valia é construído a partir das experiências desqualificadoras vividas na infância e adolescência e que contribui, significativamente, para a constituição da neurose, confirmando os pressupostos teóricos revistos a respeito do assunto.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
DESENVOLVIMENTO	
1 . REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
1.1 O que é o sentimento de menos valia?	9
1.2 Reflexos do sentimento de menos valia nos relacionamentos afetivos, social e profissional	16
2.1 Sentimento de menos valia versus trabalho e profissão	22
1.2.2 Afetividade versus sentimentos de menos valia	23
1.2.3 Sentimento de menos valia versus vida social.....	25
1.3 O conceito e o desenvolvimento da neurose na abordagem psicanalítica	28
1.4 O conceito e o desenvolvimento da neurose na abordagem gestáltica	33
2. METODOLOGIA DE PESQUISA	
2.1 Principais características e pressupostos da pesquisa qualitativa	42
2.2 Objetivo da pesquisa	44
2.3 Procedimentos metodológicos	44
2.3.1 Escolha e descrição dos sujeitos	44
2.3.2 Coleta de dados.....	44
2.3.3 Análise de dados	45
3. RESULTADOS DA PESQUISA (Análise de conteúdo).....	56
4.DISSCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	62
CONCLUSÃO	74
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	76
APÊNDICE.....	78

INTRODUÇÃO

Todo indivíduo, ao longo de seu desenvolvimento, constrói um conceito de si mesmo que forma sua auto-imagem e logo ao nascer, ele entra em contato com os principais elementos que vão contribuir para a construção dessa imagem. A auto-imagem depende, diretamente, das interações com o meio e de como os outros recebem e reagem as manifestações do indivíduo no decorrer de sua história de vida. Estas variáveis vão situar o indivíduo numa condição de ver a si mesmo de forma positiva ou negativa.

Neste contexto, existem inúmeras possibilidades de formação de diferentes auto-conceitos. Verifica-se a existência de um tipo de auto-conceito que é resultante de uma condição específica, na qual o indivíduo tem uma percepção distorcida de si mesmo, que pode ser vivida como um sentimento de valer menos que os outros, de estar abaixo, de ser inadequado, ou inferior.

O estudo do sentimento de menos valia na constituição da neurose é desenvolvido neste trabalho com base nos conceitos que fundamentam a Psicanálise e a Gestalt Terapia. Um conceito de grande abrangência na abordagem gestáltica é o conceito de contato, que na sua essência é a forma como a pessoa se relaciona com ela mesma e com o mundo exterior, definindo, inclusive, a qualidade de sua existência.

Para a Gestalt Terapia as interrupções de contato são a base do desenvolvimento da neurose, e podem formar o alicerce, do qual se ergue o muro do sentimento de menos valia, que impede a auto-realização e o bem estar do indivíduo, na medida em que o impossibilita de ter um contato saudável com o meio externo.

Os conflitos internos do indivíduo são vistos pela Gestalt Terapia como um subproduto das estratégias de sobrevivência e de defesa da própria integridade ameaçada pelas circunstâncias externas e conflitos com o meio. As estratégias são, uma espécie de ajustamento criativo ao contrário, que deixa o indivíduo adaptado às circunstâncias do ambiente, porém impedido-o de reconhecer seu potencial e suas reais possibilidades.

Padronizar comportamentos só é possível através “da desvitalização e do enfraquecimento das funções de grande parte da personalidade humana - à custa da criação de neurose coletiva e individual” (Perls, 1942, p. 106).

O sentimento de menos valia evidencia-se como um dos sinais desse enfraquecimento pessoal. Sentir-se inapto a entrar em convivência com os outros, ter uma visão de uma distância intransponível entre si e o outro, imobilizar-se sob o peso de uma

inadequação sem medidas, é sem dúvida, um conflito consistente com a idéia pela alienação das necessidades pessoais, como forma de fazer frente às exigências feitas ao indivíduo pelos outros, quando ele ainda não tinha como defender seu direito de satisfazer estas necessidades.

Na clínica psicológica é grande o número de pessoas que expressa dificuldades cuja base é o sentimento de menos valia, essas pessoas não conseguem ter clareza do que sentem, mas as características do que elas verbalizam apontam para a existência do auto-conceito distorcido e das limitações que ele acarreta.

Fora da clínica, em contextos educacionais, profissionais, religiosos, sociais em geral, os processos característicos do sentimento de inferioridade aparecem nos comportamentos e atitudes das pessoas. Sabe-se que as exigências instituídas pela sociedade para estabelecer quem dispõe de condições físicas, econômicas e emocionais para sobressair ou ocupar um espaço, fomentam o conflito entre as necessidades intrínsecas e as necessidades sociais do indivíduo. Dentro desse quadro torna-se relevante buscar entender como os indivíduos convivem com este grande conflito, em que nível o conflito se torna imobilizante, qual a sua origem mais evidente, que atitudes são características do conflito, que perspectivas de auto-realização podem ser acionadas neste curto espaço para manobras.

Este trabalho tem por objetivo ampliar o entendimento de como o sentir-se inferior contribui para o desenvolvimento da neurose encarada como sendo o resultado da tentativa do indivíduo para ajustar-se ao meio e evitar assim os conflitos e o sofrimento decorrentes.

A pesquisa desenvolvida assenta-se em uma revisão bibliográfica, feita no primeiro capítulo, que objetiva esclarecer, em primeiro lugar, o que vem a ser o sentimento de menos valia, quais são suas principais características e em que circunstâncias de vida ele se origina.

No segundo capítulo se pretende mostrar como o sentimento de menos valia interfere na vida social, afetiva e profissional dos indivíduos.

A contribuição do sentimento de desvalia na constituição da neurose é definida por diferentes pontos de vista disponíveis em outras abordagens além da Gestalt Terapia, ligadas à Psicanálise e à Psicologia humanista e tratados no capítulo três.

O desenvolvimento da neurose sob a visão da Gestalt Terapia é o foco do quarto capítulo no qual são explorados os principais aspectos que geram os comportamentos neuróticos e suas conseqüências, como a troca da vitalidade pela limitação. Neste capítulo procura-se ampliar a compreensão do sentimento de menos valia e o seu papel na constituição da neurose.

Para estabelecer a relação entre o sentimento de menos valia e o desenvolvimento da neurose, é realizada uma pesquisa qualitativa que é descrita no quinto capítulo em seus

procedimentos metodológicos, nos quais são entrevistados dois sujeitos que se consideram pessoas de menor valor.

A relação entre a teoria e os resultados da investigação qualitativa é o conteúdo do quinto capítulo, que vai subsidiar a discussão de resultados conclusivos sobre o tema escolhido.

1.1 - O QUE É O SENTIMENTO DE MENOS VALIA?

Cabral & Nick (2000), definem sentimento como sendo a “disposição complexa da pessoa, predominantemente inata e afetiva, com referência a um dado objeto (outra pessoa, coisa ou idéia abstrata), a qual converte esse objeto naquilo que é para a pessoa. O sentimento é simultaneamente identificado pelo objeto e por certas relações entre a pessoa e esse objeto. Tais relações implicam, além do afeto central, a influência de elementos mentais (ou psíquicos) consentâneos com as emoções englobadas nesse afeto” (p. 293).

Pode-se deduzir a partir da definição acima que sentimento é algo que se desenvolve e se torna consciente pelo indivíduo através de seu contato com o meio em que vive. Pode-se conceber, também, a idéia de que o grau de consciência que a pessoa tem sobre os seus sentimentos está intimamente ligado ao nível cultural e intelectual do grupo social no qual ela se desenvolve, pois a nomeação dos sentimentos é feita por esse grupo, da mesma forma como qualquer outro fato ou objeto são nomeados. A partir da interação com os outros é que a criança aprende a discriminar e expressar em palavras o que está sentindo e a forma como ela irá fazer isso, depende diretamente do modo como os adultos interpretam e nomeiam seus sentimentos expressados através de suas atitudes. Muitas vezes eles não usam o termo adequado englobando tudo num mesmo pacote, como por exemplo: “estou com a cabeça confusa”, “estou travado”, “estou mal” etc. Expressões como estas não ajudam a criança a distinguir nem mesmo os mais comuns dos sentimentos como: tristeza, raiva, medo, alegria.

Guilhard (2002, apud Brandão, Conte & Mezzaroba, 2001) apresentam uma lista de nomes atribuídos socialmente aos tipos de sentimentos, tais como: alegria, raiva, tristeza, ansiedade, insegurança, etc. alegando que não há como nomear sentimentos, com segurança, sem conhecer o contexto em que ocorrem as manifestações correspondentes. Eles dizem: “não há sentimento sem manifestação corporal, no entanto, as pessoas precisam ser ensinadas, pelo meio social que as cerca (pais, professores, amigos, etc) a detectar os sinais do corpo” (p. 65).

O sentimento de auto-estima, bem como de auto-confiança são da mesma forma vistos pelos autores como manifestações corporais decorrentes da interação do indivíduo com o meio e considerados ainda mais difíceis de serem compreendidos e expressos em termos adequados à situação vivida pela pessoa.

Cukier (1998) fala: “a primeira etapa de nossa vida é pré-verbal, e tudo o que ocorre conosco depende da decodificação verbal e emocional que nossa mãe ou cuidador fizer. Sem alguém que possa espelhar nossas necessidades e emoções não poderemos saber quem

somos” (p.25). Como se pode ver esse momento da vida da pessoa tem uma função bastante significativa na definição de sua personalidade e também na forma relacional dela com o mundo. Ela está na dependência não só de ver satisfeitas suas necessidades, mas também do modo como isto é feito.

Essa dependência a qual a criança está sujeita nos primeiros anos de vida é inevitável devido a determinadas características naturais dela que a tornam um ser humano autêntico, valorizável (formação do seu auto-valor), vulnerável, imaturo/imperfeito e que tem uma forma de pensar concreta e radical. (Bradshaw, 1988, apud Cukier, 1998).

Sobre a construção do auto-valor, Cukier (1998) acrescenta: “uma criança não nasce com auto-estima e nem tem noção alguma do seu valor pessoal (...). O Eu se ama e se respeita quando se percebe amado e respeitado. Por outro lado, o Eu se odeia quando intui que está sendo rejeitado ou deixado de lado” (p.28). A criança vai buscar o seu auto-valor no seu meio social, e por não saber distinguir entre o que é próprio dela e o que é do outro, ela irá absorvendo as coisas de fora para dentro, de acordo com a estima e dedicação vindas das figuras parentais. Se ela não é valorizada, não tem como se valorizar e o espaço vazio dentro de si é preenchido por sentimentos de vergonha, culpa e inferioridade.

A vulnerabilidade à qual a criança é submetida existe por ela não ter ainda um sistema de defesas (fronteiras) desenvolvido, e isto a torna dependente da proteção dos adultos. A falta de noção de limite é outro fator que a faz sentir-se misturada com tudo em seu meio, que de forma egocêntrica passa a achar que tudo que acontecesse no mundo é em função dela. Assim, ela vai assumindo para si mesma, muito do que ocorre a sua volta, como por exemplo: os pais brigam por culpa dela; os pais não ficam com ela é porque ela é ruim; os pais ficam mais tempo no trabalho do que com ela é porque ela vale menos que o trabalho deles, se os pais dedicam cuidados ao irmãozinho recém-nascido é porque não gosta mais dela e assim por diante.

Quanto à imaturidade e imperfeição da criança, a autora fala que “ela é descoordenada, deixa cair coisas, quebra objetos, cai, suja-se, faz barulho, coloca o dedo no nariz, briga no carro, atrapalhando os pais que dirigem, etc.(...) além da falta de coordenação motora, ela carece de conhecimento sobre seus limites, sobre como deve agir diante de dificuldades etc.” (Cukier, 1998, p. 30). Até aqui tudo certo, nada a prejudicaria se a ela fosse dada a orientação adequada para descobrir seus limites e concedido o tempo necessário ao seu desenvolvimento motor.

O sentimento de menos valia nesta fase de imaturidade e imperfeição da criança pode brotar de ambiente familiar disfuncional formado por adultos perfeitos e infalíveis que

nunca erram e que, se o fazem, não conseguem admitir e nem tão pouco pedem desculpas. Estes adultos normalmente punem seus filhos de forma severa, exigindo deles uma postura infalível, e o que pode resultar disto, é um sentimento de que não se tem nenhum valor como ser humano.

A respeito do fato da criança ter uma forma de pensar concreta e radical, a autora comenta que “a criança não discrimina diferenças sutis entre as qualidades das pessoas e objetos. Sua concretude de pensamento faz com que ela pense de forma polarizada e estremada: ou é bom ou é ruim, é tudo ou nada, agora ou nunca, etc.” (Cukier, 1998, p. 31). Essa forma de ver o mundo que é peculiar da criança a faz acreditar em tudo que houve e vê e dessa forma constrói um pensamento a respeito de si com base naquilo que dizem que ela é. Se os pais a chamam de boba, burra, feia, sem educação, estúpida, má, teimosa, etc, ela toma isso como verdade e passa a se ver como tal.

Estima, de acordo com o Dicionário Aurélio da língua portuguesa, é: “sentimento da importância ou valor de alguém ou de alguma coisa, apreço, consideração, respeito”. O indivíduo pode ter estima por si, pelo outro, pelos animais, coisas materiais, etc. A estima por si ou auto-estima, como é mais divulgada e conhecida, está na dependência de como a pessoa vivencia sua experiência no contato com o outro, ou seja, o valor que ela atribui a si passa primeiramente, pela forma como ela e seus comportamentos são vistos pelo outro e, em seguida, pelo seu próprio julgamento a respeito de tal fato. O ser é único e sua expressão no mundo tem a sua marca, a sua subjetividade. Por essa razão é que a construção desse sentimento de estima por si depende do modo como cada um significa sua experiência.

Auto-estima é considerada um sentimento decorrente do sistema de relações interpessoais em que tanto a pessoa como seus comportamentos são aceitos pelo outro ou não, aumentando ou diminuindo, respectivamente, este sentimento. Horney (1974) descreve claramente esse processo: “a auto-estima do indivíduo sobe e desce, de acordo com a aprovação ou desaprovação dos outros e com a afeição que estes lhe dispensem ou não” (p. 52).

Branden (2000) considera a auto-estima como uma experiência íntima; uma afirmação da consciência que ninguém, a não ser a própria pessoa, pode gerar e afirma que “auto-estima é sempre uma questão de grau” (p. 10). De forma mais ou menos positiva o indivíduo construirá seu auto-conceito, tendo a auto-estima como um termômetro para defini-lo e avaliá-lo. Vê-se, então que a formação dos sentimentos é um processo complexo e dinâmico, que não mantém a forma do momento de seu surgimento, ele é constantemente alterado pelo sistema das inter-relações sociais.

Balona (2003) amplia a significação do termo auto-estima ao estabelecer uma nítida diferenciação entre uma postura egóica e o verdadeiro sentimento de auto-estima: “o termo auto-estima significa o senso inato de valor pessoal. Não é o mesmo que individualismo egóico ou adoração de si. A liberdade ampla de expressão pessoal permite à pessoa fortalecer a relação sadia consigo mesma. A auto-admiração; o auto respeito, o sentimento de competência e valor formam o auto-conceito positivo, responsável pela nossa visão de mundo e das outras pessoas” (p. 133).

Viu-se até agora que estima é um sentimento da importância ou valor por alguma pessoa ou objeto e quando este sentimento é dirigido para si é visto como auto-estima, entretanto, deve-se levar em consideração que a importância ou valor que o indivíduo sente por si mesmo pode ser positivo ou negativo e em graus também variados. É possível ter por si mesmo um valor mais ou menos alto ou baixo. Quando se tem um valor baixo diz-se que o indivíduo tem baixa auto-estima, que é o mesmo que dizer que ele tem sentimento de menos valia, ou seja, ele tem por si um sentimento de menor valor, um sentimento de que é inferior, inadequado.

Cubier (1998) falando sobre o desenvolvimento humano e formas de dependência da criança em função de suas necessidades físicas e emocionais mostra o que ocorre com essas criaturas que vivem à mercê dos adultos para administrar essas suas necessidades básicas de sobrevivência. Sobre as necessidades físicas ela diz: “o bebê humano nasce extremamente frágil, necessitando de cuidados físicos (alimentação, higiene, saúde, calor, estimulação tátil, etc), sem os quais morre” (...) e sobre as necessidades emocionais descreve: “a necessidade emocional básica do ser humano e sem a qual ele não sobrevive psicologicamente é a necessidade de dependência, de poder contar com o outro” (p. 25).

Courberive (1969) define a inferioridade sentida pela pessoa como a “representação mais ou menos penosa de ter estado, estar ou ter que estar numa situação inferior à posição realmente merecida” (p. 29). Baseando-se na teoria adleriana essa autora mostra que sentir-se inferior é uma condição de desconforto para a pessoa, que poderá fazer uso da sua inferioridade como um motor para impulsioná-la em direção ao sucesso ou ao contrário, para estabelecer um freio, ou uma limitação que a coloca numa condição de impotência e passividade, com atitudes prudentes e de subterfúgio, dificultando ou impedindo seu crescimento.

A inferioridade, na teoria adleriana, diz respeito à condição humana na qual a pessoa, se vendo atormentada pelo sentimento de inferioridade, é impulsionada a buscar a superação, tendendo para situações de superioridade.

O termo complexo de inferioridade foi criado por Adler (1956) para referir-se ao sentimento anormal de inferioridade. “O sentimento de inferioridade estimula a coragem pessoal (coragem de querer e de empreender o necessário que falta ‘para o sucesso’). E para os que se satisfazem com o suportar a inferioridade, para dela se lamentarem o sentimento se desdobra e se aprofunda em complexo”. (Courberive, 1969, p. 32).

O pensamento de Adler (1956) a respeito da inferioridade tinha como ponto de partida a inferioridade orgânica, implicando num desenvolvimento de atividades energéticas de compensação por vezes de origem psíquicas ou do sistema nervoso central. Ele defendia a idéia da faculdade de compensação dos órgãos de funções deficientes ou defeituosos e que até mesmo sendo de ordem genética eram passíveis de compensações com a ajuda do sistema nervoso central. Adler (apud Courberive, 1969), esclarece: “mostrei a que ponto a inferioridade (constitucional) de um órgão, influi sobre a constituição psíquica, afetando a atividade e o pensamento, manifestando-se nos sonhos, exprimindo-se na escolha de uma profissão, nas tendências e atitudes artísticas” (p. 9).

A respeito da escolha da profissão, Steinem (1992), referindo-se ao estudo que realizava, à época, sobre a vida de Marilyn Monroe, comenta sobre os pensamentos de um outro autor de nome Missildine, que atribuía aos pecados e excessos na educação infantil, como: punições, violência, descaso, abandono, perfeccionismo, abuso sexual, etc., a responsabilidade pela formação de atitudes que mais tarde os indivíduos usarão para atuar no mundo. Uma bela contribuição de Missildine (apud Steinem, 1992) para ilustrar este pensamento é: “quando se é ninguém, o único modo de ser alguém é sendo outra pessoa” (p. 28).

Steinem (1992) buscava mostrar em seus estudos que a história de abuso sexual vivida por Marilyn Monroe na infância era o responsável pela sua incapacidade de se valorizar como algo além de um objeto sexual. A autora constatou que além do abuso sexual a atriz teve sua infância tão negligenciada, que ela passou a acreditar que era invisível. O descaso e o sentimento de abandono vivido pela atriz, na infância, refletiram mais tarde nos comportamentos de uma Marilyn adulta que experienciou, ao longo de sua curta vida, uma procura incansável de cuidados, de desejo de pertencer, usando para isto seu atraente corpo, para torná-la visível para o mundo, desconsiderando assim as suas próprias necessidades de afeto e de bem estar.

Como tudo no mundo existe em relatividade, a imagem que o indivíduo forma de si, o valor ou importância que atribui a si mesmo não surge do nada. O desejo de se fazer valer é inerente ao ser humano, mas a forma como ele busca isso depende das suas interações sociais.

A partir da relação com o outro é que o indivíduo busca seu referencial interno. “O juízo dos outros é decisivo nos anos da infância; podemos dizer que nessa etapa nos vemos pelos olhos do outro; e não poderia ser de outra forma: nosso ego se está constituindo e dependemos inteiramente de nosso próximo” (Romero, 1997, p. 172).

É nesse mundo dinâmico, de complexas formas de interações, que o indivíduo constrói sua personalidade, deparando-se com inúmeras situações, que tanto podem ser benéficas como problemáticas e conflituosas para esse sujeito em processo de formação. Mas esta é uma condição inevitável no mundo dos humanos.

O ser humano, diferentemente dos outros animais depende do outro para sobreviver. Adler (1956) acredita que o caráter social da condição humana tem como base o fato dele sentir-se fraco e a busca por viver em grupos é uma opção para não viver isolado e enfrentar sozinho as dificuldades da vida, ele diz: “O homem é sociável por se sentir fraco. (...). As origens da vida social resultam da fraqueza do indivíduo”. (p. 59). As crianças nascem frágeis e indefesas, necessitando que outras pessoas cuidem delas e, nas suas primeiras interações com a figura materna, já constroem os primeiros sentimentos sobre si.

Sentimento de inferioridade de acordo com Cabral & Nick (2000) é uma “tendência para o julgamento desfavorável de si mesmo, quer se justifique ou não pelos fatos”. Vê-se a partir dessa definição que falar de sentimento de inferioridade é o mesmo que falar em sentimento de menos valia.

A inferioridade para Adler (1956) tem caráter biopsicossocial e o sentimento de menos valia é referido por ele como inferioridade psíquica ou sentimento de impotência.

Como se instala no indivíduo o sentimento de menos valia? As causas são as mais diversas, mas tudo passa pelo modo como a pessoa e seus comportamentos foram vistos pelo outro e pelo sentido que ele dá às experiências no meio em que vive. Por exemplo: uma criança, portadora de uma deficiência física, se não for tratada de forma diferente de crianças não portadoras de deficiência, poderá desenvolver-se normalmente sem grandes dificuldades com sua limitação, mas, ao contrário se houver uma valorização exagerada ou uma superproteção por parte das outras pessoas, ela irá se sentir diferente e ter seu desenvolvimento bastante prejudicado em função disto. Casos de insucessos na vida da pessoa, constrangimentos sofridos, derrotas em competições, castigos injustos, diferenças no tratamento com outras crianças, educação muito rígida ou muito liberal, etc., são alguns exemplos de situações que contribuem para a formação de um sentimento de menos valia no indivíduo. Situações como estas podem ocorrer tanto no ambiente familiar como na escola, no trabalho ou em qualquer outro contexto social. (Courberive, 1969).

Segundo Cabral & Nick (2000) uma atitude deprimida e envergonhada pode ser resultante da má opinião formada a respeito de si mesmo, ou seja, pode ser proveniente de uma avaliação inferior que o próprio sujeito faz de si. As experiências de abuso, descaso e abandono vividas pela criança não necessitam serem de grande porte, o simples fato de uma criança ser deixada sem a proteção de um adulto a faz sentir não digna de proteção, não merecedora do apoio e afeto do outro.

Courberive (1969) afirma que os complexos infantis de inferioridade, não sanados em tempo hábil, podem produzir inibições crônicas e incuráveis, pessoas revoltadas ou criminosas, mas baseando-se apenas em valor individual e na inclinação dos temperamentos, não se pode, de modo algum, prever quais serão as formas de compensações que o indivíduo irá usar ao longo da vida. Ele diz: “A inferioridade poderia inscrever-se no quadro das disposições sociais, pois desvirtua nossos procedimentos” (p. 32).

Para Adler (1956) indivíduos que tem sentimento de menos valia poderá, como forma de sair da condição de aniquilamento instalada, recorrer a meios de obtenção rápida de prazer e excitação com álcool, drogas, emoções sexuais, etc.

A mais evidente tentativa do sujeito de se livrar dessa condição insuportável de menos valia são as defesas, características do funcionamento neurótico e que serão abordados mais adiante.

1.2 - REFLEXOS DO SENTIMENTO DE MENOS VALIA NOS RELACIONAMENTOS AFETIVO, SOCIAL E PROFISSIONAL.

“Sentir-se desvalorizado e indesejável é, na maioria dos casos, a base dos problemas humanos.” (Rogers, apud Aragon/Diez, 2004).

Desde o início de seu desenvolvimento, o indivíduo procura no meio a satisfação de suas necessidades. As respostas que este meio lhe dá serão determinantes na estruturação do seu autoconceito e na formação de suas habilidades sociais. Assim, necessidades amorosamente atendidas formarão uma base para interações sociais saudáveis, enquanto as privações sofridas, juntamente com sistemáticas desqualificações, podem minar a autoconfiança e contribuir para a formação de uma imagem distorcida de si e do mundo. A esse respeito, Ribeiro (1998) descreve: “o inevitável aconteceu: nossa menos valia se desenvolveu, nossa auto-confiança adoeceu” (p.38).

As desqualificações são formas de invalidar a presença do outro e na infância funcionam como interruptores de um potencial em expansão. Pode se imaginar o sentimento de desamparo e de solidão da criança que não é acolhida na suas tentativas de solidificar laços afetivos e usufruir de um espaço onde possa estar à vontade tanto física como emocionalmente. Miller (1997) acredita não ser possível avaliar o quanto uma criança sente solidão e tem sensações de abandono, mesmo em um ambiente aparentemente bem estruturado.

A criança dá uma interpretação literal para suas vivências e tira conclusões a partir do que entende, assim conclui que os adultos só parecem amá-la quando é obediente, adequada, e não dá trabalho. Miller (1997) comenta que a criança aprende muito cedo os “deves” porque descobre que ser boazinha é a chave para ser amada, na prática, a chave para sua sobrevivência. A autora dá a dimensão da necessidade de amor e o que se faz por ele tanto na infância como na idade adulta. “A criança precisa do amor do adulto porque não pode viver sem ele. (...). Necessitamos de amor como de ar e, para obtê-lo renunciamos ao nosso próprio processo de desenvolvimento como indivíduos únicos e irrepetíveis, e nos massificamos pela repetição de papéis socialmente desejáveis”.

Tenório (2003) fala sobre a dependência da criança e do quanto à ameaça de perder o amor dos pais lhe é intolerável, fazendo com que ela deixe de expressar seus verdadeiros sentimentos, abrindo mão, inclusive, da satisfação de suas necessidades e engolindo

mensagens tóxicas, como forma de sair do impasse. Esse é considerado pela autora um ajustamento criativo e que vai repercutir nas suas interações futuras, tanto nas sociais como nas profissionais e afetivas, pois a pessoa tende a se tornar insegura a respeito dos próprios julgamentos. A desvalorização social, seja aquela sofrida na infância ou depois na vida adulta, interfere nos processos de autocontrole que permitem enfrentar desafios novos de forma equilibrada.

Perls (1979) conta em versos como a criança é obrigada a abdicar daquilo que seus sentidos lhe mostram. Usando o conto “A roupa nova do Imperador” mostra como a criança fica sem saída quando seus olhos vêem o rei nu e os adultos o vêem maravilhosamente vestido. Os adultos a recriminam e ela pergunta para si mesma: “posso confiar nos meus sentidos? Eles não me amam se enxergo. Preciso mais do seu amor do que da verdade, difícil engolir, mas esta é a minha primeira aula de adaptação” (p.39).

As experiências precoces e continuadas de desqualificação das necessidades, a violência que cala as manifestações afetivas, o descaso que alimenta a desesperança de obter amor, as reiteradas negativas aos constantes pedidos de atenção, tudo vai se juntando até que aquela criança não tem mais como saber quem ela é, sabe que provavelmente é alguém que não vale a pena e não merece as coisas boas da vida.

Sentir que todos e qualquer um vale mais é o que sente a maioria dos indivíduos que se desenvolveu num ambiente de desqualificação e aridez emocional. O sentimento de menos valia, construído passo a passo durante vários anos, tem grande impacto em todos os aspectos da vida do indivíduo, comprometendo a qualidade de seus relacionamentos interpessoais e seu bem estar pessoal. Isso acontece porque independentemente da idade da pessoa, quem está reagindo ao ambiente, quem está avaliando o quanto esse ambiente é hostil, é a criança desqualificada e sofrida lá de trás.

O sentimento de menos valia está enraizado no período dessa dependência da criança. Cukier (1998) fala com clareza sobre essa realidade: “existe um enorme desequilíbrio de forças e tudo que a criança pode fazer é se submeter ao poder do adulto. (...), a criança percebe que o adulto está sendo injusto e abusivo, sente raiva, mas nada pode fazer a não ser se submeter. Tal submissão forçada gera sentimentos de vergonha, humilhação e inferioridade que jamais serão esquecidos, apesar de todos os esforços que fizer para negá-los, disfarçá-los e ou modificá-los” (p. 24).

Referindo-se ao papel dos maus tratos sofridos pela criança, Sheehan (1998) ressalta que os maus tratos de natureza física e a violência sexual são precedentes da emergência de

fortes sentimentos de desamparo, principalmente no que se refere às vítimas de abuso sexual, as quais carregam pela vida toda a sensação de que são inferiores às outras pessoas.

Cukier (1998) descreve esse danoso processo de aprendizagem declarando que: “a aprendizagem e as decisões que as crianças tomam ao longo de suas vidas, principalmente aquelas frente a percepções traumáticas, estressantes e desconfirmadoras, limitam as percepções e as escolhas na vida adulta” (p.10).

Fazer escolhas é uma prerrogativa muito importante que o ser humano tem à sua disposição, mas este privilégio pode não estar ao alcance de todos num mesmo nível. A pessoa que não se sentiu aceita, que não teve a oportunidade de estar em contato com seu potencial inato para seu auto desenvolvimento, devido às condições pouco propícias do meio, aceita como verdade a opinião desqualificadora dos outros a seu respeito e isso se torna sua crença e seu referencial de vida, impedindo-a de buscar a plena realização de suas necessidades. “O amor, o respeito e a confiança (auto-estima) que o indivíduo sente por si mesmo espelham, por seu turno, como foram suas primeiras relações estruturadoras e prognosticam como serão suas relações com o mundo”, assim afirma Cukier (1998, p. 29).

Susan Forward (1990) fala da perspectiva dos abusos de qualquer natureza vividos pelo indivíduo quando criança: é comum para uma criança dependente e indefesa sentir-se culpada por ter feito “algo de errado”, por isso assume que merece a ira dos pais em vez de aceitar a possibilidade de que estes estão sendo injustos, dessa forma “quando essas crianças se tornam adultas, continuam a carregar o fardo da culpa, ficando muito difícil para elas desenvolverem uma imagem positiva delas próprias. A falta de confiança e auto-estima que resultam disso pode, por sua vez, afetar todos os aspectos da sua vida” (p.15).

Essa falta de confiança e de uma estima elevada de si é sentida constantemente pelo indivíduo, mesmo que na infância ele tenha feito seus mais confiáveis e criativos ajustamentos para sobreviver, mesmo que ele tenha absorvido do meio tudo, que em seu entendimento era o melhor para si. Nada disso irá preencher o vazio que permanecerá dentro dele, que é a necessidade de se fazer valer como pessoa digna de amor, de respeito e merecedora das coisas boas da vida.

Outro tipo de tratamento dispensado à criança e que leva a percepção distorcida de si diz respeito à aparência física. O poder de atração determinado pela aparência física é, na atualidade, um fator que começa a pesar ainda na infância. Sheehan (1998) relata que tanto as crianças consideradas atraentes, como as que não são recebem reiteradas mensagens sobre sua aparência física e aprendem que essa aparência conta mais do que os seus sentimentos, sendo um item importante para sua maior ou menor aceitação no meio social.

No futuro, o conceito que a pessoa terá de si, quanto ao aspecto da aparência, vai influenciar áreas importantes da sua vida, como a afetiva e a profissional. O referencial interno da pessoa pode estar associado apenas à questão da aparência física e seu lado psicoemocional fica negligenciado, tanto que ela própria trata de colocar uma pedra sobre suas emoções, pois não apreendeu o verdadeiro sentido do amor, por não lhe ter sido passado de forma incondicional.

Miller (1997) relata que a descoberta, por parte de clientes, de que foram amados pela sua beleza ou pelos seus feitos é sempre um momento de muita dor, mágoa e raiva, falam de si para si muitas vezes: “quer dizer que, em verdade, eu não fui amado pelo que eu era, mas sim pelo que eu aparentava ser.” (p. 25).

A desaprovação, por parte de pessoas importantes, contribui para o persistente sentimento de culpa presente nos indivíduos acompanhado de um sentimento de menos valia. Branden (2000) observa que quando alguém diz “sinto-me culpado a respeito disso ou daquilo”, o que quer dizer, mas raramente reconhece é: “tenho medo de que mamãe ou papai saibam o que fiz. Eu seria criticado, repudiado, condenado.” (p.66). O que se percebe é que o julgamento feito pelos cuidadores lá na infância ainda sobrepuja qualquer tentativa do indivíduo ver as coisas de forma mais adequada à sua idade e ao contexto atual.

No contexto da abordagem gestáltica esse descompasso entre idade cronológica – indivíduo adulto - e comportamentos defensivos é resultado dos ajustamentos criativos que o indivíduo fez, visando sua sobrevivência. Apesar de adulto, não tem como tolerar a ansiedade produzida pelo contato com determinadas situações ou experiências e por isso, o interrompe. O que está por trás do comportamento de evitar o contato é o medo de que o mesmo sentimento vivenciado na experiência antiga seja revivido no presente.

O processo de desvalorização vivenciado desde o início da vida é fonte de dificuldades para a criança em seu contexto escolar e social. Goleman (1995) fala que a inabilidade de crianças com dificuldades para se enturmar é reforçada pela rejeição dos seus colegas, não são convidadas a participar das brincadeiras e recebem sinais de que são consideradas estranhas, gerando sentimentos de impotência e apatia.

Jeffers (1998) ajuda a entender como o medo é um dos sentimentos que mais contribui para o processo de desvalorização de si mesmo. Na pessoa com sentimento de menos valia predomina a impotência, que é o medo determinando poucas e pobres atuações, estreitando ao máximo os limites do indivíduo. A perspectiva de fracasso vem da certeza de não ser merecedor e, se não merece, não adianta tentar, e assim a hostilidade do mundo passa a ser vista como uma barreira intransponível.

O indivíduo, diante de situações indesejáveis e ameaçadoras, porém inevitáveis adota diferentes formas para sair desta situação de impasse, pois a busca da satisfação de suas necessidades se torna indispensável para sua sobrevivência nos primeiros anos de vida e a criança se vê obrigada a fazer arranjos. O primeiro arranjo que ela faz é com os processos de introjeção e projeção. Na introjeção as coisas vindas de fora, as impressões dos outros a seu respeito, são assumidas pela criança como sendo de fato dela, ela passa a achar que é aquilo que os outros dizem que ela é. Por outro lado, as coisas que são verdadeiramente dela são projetadas. Ela passa a atribuir ao outro o que é dela.

A introjeção e a projeção são consideradas por diversas áreas da Psicologia como mecanismos de defesa que a pessoa usa para escapar de situações indesejáveis e incompatíveis com seu verdadeiro eu e, ao mesmo tempo, para manter seu equilíbrio biopsicossocial, o que na psicanálise é chamado de “princípio da constância” e na Gestal Terapia: equilíbrio organismo-meio.

Por meio do uso simultâneo ou alternado de diversos mecanismos de defesa, formando o que Winnicott (1982), apud Cukier (1998) denominou de “sistema do falso self”, a criança tenta escapar das situações indesejáveis e insuportáveis que se lhe apresentam.

Na opinião de Cukier (1998) o falso self, considerado por ela como “nosso adulto bem-sucedido”, assume características de um ser superior que abafa os sentimentos verdadeiros do indivíduo, apresentando-se ao mundo e para ele próprio com algumas características bem específicas, tais como: “é sempre mais que humano ou menos que humano, perfeccionista ou estúpido, vítima, herói da família ou bode expiatório, etc. (...), e as partes negadas e reprimidas do ego são projetadas nos relacionamentos, formando a base para muitos ódios e preconceitos” (p.35).

Tenório (2003) refere-se a essas coisas que a criança assume como sendo dela, como “mensagens bio-negativas” ou “introjeto tóxicos”, que são as mensagens proibitivas vindas dos cuidadores da criança, durante seu processo de desenvolvimento e que “bloqueiam seu impulso natural para auto-regulação ou para busca da realização de suas necessidades.” (p.39).

Os introjetos tóxicos, principalmente aqueles relacionados ao auto-conceito negativo, podem ser descritos metaforicamente como uma espécie de sapatos de chumbo que o indivíduo calça e sai caminhando com eles pela vida afora, lembrando-o sempre do seu baixo potencial ou da sua pouca capacidade de vencer obstáculos e enfrentar situações problemas. A percepção dos acontecimentos para esse tipo de pessoa assume uma proporção muito maior do que é na realidade, o mundo é visto como uma ameaça e conforme Perls

(1973) descreve, a pessoa tende a ver o mundo e a sociedade como maior que a vida e a si mesmo, como menor.

Com essa visão de mundo e de si mesmo o indivíduo vive a sua vida que para ele não é vida é uma luta, é um campo de batalha. Nesse sentido, todos os seus esforços são direcionados para a superação, ele terá que provar o tempo todo para si e para o mundo que é capaz. Ribeiro (1998) fala a respeito da insatisfação íntima que o sujeito experimenta em estar no mundo, no “campo de batalha” das relações, portando essa condição de menos valia. Para o autor a consequência dessa condição de desvalia da pessoa é a perda do contato íntimo consigo mesmo, levando o indivíduo a buscar satisfação das suas necessidades pessoais através do exercício de algum tipo de poder sobre os outros ou, por outro lado, de entrega a algum tipo de vício.

Um outro teórico que compartilha desse mesmo pensamento é Adler (1956). Ele fala que para o indivíduo se livrar da insuportável condição de menos valia ele pode recorrer à forma de obtenção rápida de prazer e excitação, como por exemplo: envolvimento com drogas, álcool, sexo, etc.

Courberive (1969) entende que se baseando apenas em valores individuais e na inclinação dos temperamentos de uma pessoa, não se pode, de forma alguma, prever que formas de compensação da inferioridade o indivíduo irá adotar ao longo da vida, mas afirma que essa condição, que em sua opinião poderia ser descrita no quadro das disposições sociais, desvirtua os comportamentos do indivíduo.

O sentimento de menos valia, ou a popular baixa auto-estima, é uma edificação pessoal que envolve a subjetividade do indivíduo, que é seu modo genuíno de dar significado ao fenômeno das interações sociais, de dar significado ao seu contato com o outro e consigo mesmo.

Gonzalez Rey (2002) define subjetividade como “um sistema de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos e ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento” (p.37).

A partir dessa idéia pode-se deduzir que o desenvolvimento saudável ou patológico do indivíduo depende do grau em que ele é afetado pelas experiências e de como ele dá significado a elas. Neste sentido, mais para o estudo dos reflexos das experiências de desvalia na vida afetiva, social e profissional do indivíduo, é a questão dos maus tratos, humilhações, discriminações, segregações, etc., impostas pelo meio social, no qual a pessoa está inserida.

“A repressão da liberdade e a necessidade à adaptação não têm início no escritório, na fábrica ou no partido, mas nas primeiras semanas de vida. (...). O engajamento político pode ser alimentado pela raiva inconsciente daqueles que, quando criança, foram abusados, aprisionados, explorados, limitados e adestrados” (Miller, 1997, p. 99).

Estas menções feitas pela autora evidenciam a influência dos sentimentos de inadequação do sujeito, na sua vida social, afetiva e profissional e já que essa forma de tratamento recebida na infância, torna-se a base da construção do sentimento de menos valia é possível afirmação também, a partir daí, que a baixa auto-estima, que é o mesmo que sentimento de menos valia, tem reflexos significativos em todas as áreas da vida da pessoa.

O meio, para algumas pessoas, é de tal maneira ameaçador, que não há tendência auto-atualizante e auto-realizante que resista e dê suporte a elas para não se deixarem abater e se desestruturar. Evidentemente que mesmo as tentativas desesperadas que o indivíduo faz ao longo da vida na busca de seu ajustamento com o meio e consigo mesmo, se devem ao seu potencial inato de auto-regulação, mas o nível de confiança do indivíduo nessa sua capacidade inata fica abalada, fazendo com ele busque constantemente outros recursos, que são os já mencionados, mecanismos de defesa, para continuar sua escalada na vida.

1.2.1 - Sentimento de menos valia versus trabalho e profissão

Conforme visto em outros capítulos deste trabalho, indivíduos com sentimento de menos valia possuem uma visão distorcida da realidade e em função disso, sua atuação em qualquer contexto é sempre mais desgastante que para as demais pessoas. No contexto das relações de trabalho as dificuldades parecem ser ainda maiores, pois os obstáculos podem estar presentes tanto nas tarefas a serem desempenhadas como no processo das inter-relações pessoais, na duração da jornada de trabalho e na rotina diária. Nesse contexto, há uma grande concentração de acontecimentos, ao mesmo tempo que implica num dispêndio de energia muito maior por parte desses indivíduos, que estão sempre se controlando e tentando se ajeitar na vida.

O sentimento de menos valia interfere cotidianamente no contexto de trabalho, pois geralmente as pessoas com sentimento de inferioridade querem se sentir dignas e procuram se esmerar no desempenho só que, devido à compulsão que elas têm de comparar seu desempenho com o dos colegas, nunca ficam satisfeitas com os resultados, para elas o outro sempre lhes parece melhor em tudo, o que alimenta ainda mais o sentimento de insegurança e inadequação nessas pessoas.

Ambientes de trabalho muito competitivos podem fazer emergir algumas atitudes próprias de pessoas com sentimento de desvalia. Aragon e Diez (2004) referem-se a algumas dessas atitudes que ficam muito evidentes: sensibilidade à crítica que prova e expõe o sentimento inferioridade da pessoa, aumentando seu mal estar; a pessoa pode mostrar-se muito crítica e dessa forma desviar a atenção das próprias limitações; pode também apresentar tendências de culpar e assim projetar a inferioridade transferindo para os outros a responsabilidades pelas próprias falhas. Evita competir porque embora queira participar e ganhar, não confia nas suas possibilidades de sucesso; por pensar que não agrada a ninguém, acha que está sendo perseguida por pessoas que não querem o seu sucesso.

Percepções distorcidas fazem parte do conjunto de fatores que contribuem para a manutenção do sentimento de inferioridade. Sheehan (1998) enfatiza a tendência dos indivíduos para preservar idéias negativas a seu respeito: “internamente anseiam por feedbacks positivos, mas suas crenças sobre si mesmos não permitem acreditar que são merecedores.” (p. 66). Esta condição cria dificuldades adicionais para estes indivíduos, pois não acreditam nos elogios e levam as críticas para o lado pessoal. Os que elogiam são tidos como hipócritas e as críticas são recebidas como ataques pessoais.

A reação mais comum provocada pelo sentimento de inferioridade é a de encolhimento, o qual pode ser medido na frase “devo me recolher à minha insignificância”, ou seja, a pessoa acredita que está sobrando, que não há espaço para ela, não pode se manifestar e tem mais é que sair de cena. De acordo com Sheehan (1998) essa reação é ditada pela forma como ela se percebe e como se sente no ambiente, não lhe foi dito pelos outros que estava sendo inoportuna ou inadequada, a própria pessoa se dá o veredicto e evita as interações.

1.2.2 - Afetividade versus sentimento de menos valia

O sentimento de inferioridade interfere amplamente na qualidade dos relacionamentos amorosos. Quer esteja presente na subjetividade do homem ou da mulher ele vai gerar cobranças no sentido de que o outro preencha as necessidades prementes de afeto daquele que se sente menos em tudo. A tendência da pessoa com esse sentimento de desvalia é que se veja o outro como aquele que vai, com seu afeto, acabar com sua dor sempre presente.

Perls (1969) fala que se a pessoa não tem disponível a sua capacidade de amar, se rejeita a si mesma, projetando o amor no meio externo, faz tudo para tornar-se objeto de amor, ficando sempre na dependência do amor dos outros, querendo que todos a amem. Esta é uma

condição que deixa a pessoa ainda mais presa ao meio, sem autonomia para buscar de forma saudável e equilibrada esse amor de que tanto anseia, pois o outro nem sempre estará disposto a atender essas expectativas e mesmo que isso venha ocorrer, o relacionamento fruto desse encontro, poderá ser bastante conturbado, com muitas cobranças e exigências, resultando em uma insatisfação ainda maior.

Amélio da Silva (2004) esclarece que a forma de atendimento dispensada à criança em seus primeiros anos de vida tem grande influência nos seus relacionamentos futuros. Os pais se encaixam em três diferentes maneiras de atender as necessidades de seus filhos, assim, alguns atendem prontamente às suas crianças, que se sentirão seguras em relação a este aspecto. Outros pais são ambivalentes e às vezes atendem seus filhos e às vezes não, fazendo com que estes desenvolvam o apego-ansioso-ambivalente. Um terceiro tipo de pais, podem ser classificados como indiferentes. Eles privam seus filhos de um atendimento adequado, fazendo com que estas crianças desenvolvam um apego ansioso com evitação. Os estudos demonstram que, na vida adulta, tais padrões vão se repetir tanto nas amizades como nos relacionamentos amorosos.

Rodrigues (1999) enfatiza que “a atração interpessoal é a mais típica atribuição de valor gratificante à outra pessoa”, e que, com base nos valores e princípios pessoais, busca-se no outro a satisfação das próprias necessidades não atendidas. Referindo-se ao amor denominado de romântico, o autor diz que, geralmente, ele aparece associado a emoções conflituosas, as pessoas avaliam seus sentimentos e ficam sem entender como é possível amar e odiar ao mesmo tempo. A família desempenha um papel importantíssimo na concepção de amor, no desenvolvimento da afetividade e na forma como os indivíduos vão conduzir seus relacionamentos afetivos.

Segundo Rodrigues (1999), a criança aprende o que seja raiva, alegria, medo, excitação, mas quanto ao amor só lhe resta observar as pessoas ao seu redor, devido à sua imaturidade, acaba confundindo fantasia e realidade e suas idéias distorcidas sobre o amor ficam gravadas e têm efeito na sua vida futura: “por mais primitivas que sejam, estas idéias influenciam fortemente as expectativas de amor que na idade adulta ela vem a ter” (p.350). Esse autor assinala: “a busca ansiosa de amor funciona como compensação para a baixa auto-estima” (p. 359).

Uma das dificuldades que pode interferir bastante nas relações amorosas da pessoa com baixa auto-estima é a possibilidade de tornar-se excessivamente crítica e exigente em relação ao parceiro. Esta condição é relativa ao perfeccionismo, que é uma auto-exigência exacerbada da pessoa com ela mesma e com o outro, Sheehan (1998) salienta que, nesta

situação, o indivíduo fica mudando de relacionamento, buscando o par perfeito, mas na verdade, está buscando, inconscientemente, no outro, alguém que vá amenizar a sua dor de valer tão pouco.

A personalidade dependente tem relação direta com o auto-valor negativo de si. Martins (2005) afirma que “pessoas imaturas do ponto de vista emocional, que é o que normalmente acontece às pessoas com baixa auto-estima, sentem mais confortáveis em relações dependente e são suscetíveis e vulneráveis ao domínio e controle das emoções. Por isso, frustram-se e se ofendem com mais facilidade. Diante de situações de conflito, reagem para se defender, não assumem responsabilidade e colocam a culpa do problemas nas outras pessoas. Também podem manifestar reações passivas, pedindo desculpas até por ações que não são de sua responsabilidade” (p. 21) .

1.2.3 - Sentimento de menos valia versus vida social

A crença que a pessoa traz consigo, desde a infância, de ser inferior, principalmente por ter sido rejeitada, faz com que ela duvide de sua capacidade e de sua aceitação social, criando para ela a tarefa de se auto vigiar o tempo todo, e isso por sua vez, a leva a acreditar que todos fazem o mesmo com ela, que todos a enxergam e agem com ela do mesmo modo que ela se vê e faz a si, ou seja, ela pensa que todos a consideram um “João ninguém” e que todos estão ocupados com ela o tempo todo, vigiando-a.

Perls (1942-2002) dá a essa sensação de inadequação social do indivíduo, que se traduz por uma permanente preocupação com o que os outros estão pensando e falando a seu respeito, o nome de “consciência constrangida de si mesma” e, utilizando-se do seu conceito de “censor projetado” e também do sentido freudiano de censor, descreve como isso acontece:

O censor é uma atitude reflexiva, depreciadora, crítica em nós mesmos que, na projeção é experimentada como se fôssemos examinados pelos outros e estivéssemos em evidência. Se, por exemplo, ocultamos a expressão de aborrecimento, de amor, de inveja ou qualquer outra emoção poderosa da qual sentimos vergonha, medo, ou ficamos muito embaraçados para revelar, então experienciamos uma consciência constrangida de nós mesmos e seu equivalente motor – constrangimento, desconforto. (p.351).

Perls (1977) faz uma analogia entre agressão e sua função de preparar o alimento físico ou psicológico para a assimilação e a atitude do indivíduo com problemas de auto-conceito, frente aos elogios: “no plano da auto-estima (...), nenhuma quantidade de elogios é suficiente, porque estes não são assimilados (são engolidos sem serem saboreados) ou tornam-

se uma forma de ostentação (vomitando-os de volta)” (p.59). Na vida real é fácil observar como os indivíduos agem, corroborando, de certa forma, com esse pensamento do autor. Vê-se constantemente, pessoas reagindo a elogios com dizeres do tipo: “são seus olhos”; “você é que é assim”; “você que é uma pessoa pouco exigente...” (engolindo, sem saborear) ou, “por que você está falando isto?”; “o que você está querendo?”; “tem alguma coisa por trás disso...” (vomitando-os de volta).

Essa dificuldade frente aos elogios é apenas uma pequena amostra de como as pessoas são afetadas em sua vida social por essa falta de confiança, por se sentirem menos que os outros na sociedade. Na escola ela é sempre aquela que nunca faz perguntas, que fica gelada quando o professor olha para ela, que não consegue se enturmar. A maioria dessas pessoas tem dificuldade para ir a eventos sociais, festas, bailes, etc. e se vai, não consegue ficar à vontade. Homero (1997) fala que pessoas com baixa auto-estima apresentam autoconfiança reduzida, tornando-se inseguras, apresentando assim uma incompetência generalizada que se manifesta na vida social e afetiva.

O clima de um ambiente social hierárquico e repressor que propiciou o desenvolvimento de um sentimento de desvalia na pessoa, ainda na infância, fica tão arraigado dentro dela, que ela não consegue ver nenhum outro ambiente como menos hostil e diferente daquele e também não consegue se ver de outra forma, senão aquela já conhecida, que é a de alguém inferior. Evidentemente que o indivíduo não tem essa clareza como é descrita aqui, mas ele sabe de seu desconforto e o descreve como vergonha, culpa, timidez, etc. (Steinem, 1992).

No contexto social, a comunicação interpessoal também sofre a interferência direta da baixa auto-estima. Em maior ou menor grau, o tipo de educação e de socialização aos quais a criança é submetida, contribuirá para o desenvolvimento de um auto-conceito inferiorizado, que a deixa com dificuldades para se comunicar, isso acontece muitas vezes em função da crença de que ela não tem nada interessante para falar e que ninguém vai querer ouvi-la. Distorções educacionais afetam a auto-estima, chegando mesmo a impedir a utilização da linguagem verbal e não verbal do indivíduo (Martins, 2005).

Em todos os setores da vida do indivíduo, de uma forma mais ou menos semelhante, ele adota a postura que melhor se adapta à situação, de forma a lhe causar o menor desconforto e sofrimento possível. Assim ele cria desde muito cedo os comportamentos defensivos e muitas vezes em razão do sentimento de menos valia instalado e da conseqüente inabilidade de se relacionar, passa a agir dentro de um círculo vicioso em que um comportamento inadequado gera um feedback negativo que gera uma atitude de auto-

depreciação, que novamente leva a um comportamento inadequado. Martins (2005) apresenta uma seqüência de quatro passos como forma de entender como isso ocorre:

1º passo: Diante de uma situação, você compara as circunstâncias com as experiências passadas; 2º passo: Você escolhe não defender seus direitos na presente situação porque suas experiências passadas foram negativas e você não quer vivê-las novamente; 3º passo: Finda a situação, você sente que poderia ter respondido assertivamente, mas aí a oportunidade já passou. Você não quis experimentar o sentimento do fracasso outra vez. Isso também vale para o comportamento agressivo; e 4º passo: Você fica ansioso e começa a se sentir inadequado, com você mesmo, por não ter sido assertivo. Você fala para si mesmo: 'Eu sou incapaz' (p.99).

O sentimento de menos valia atua como um imobilizador das ações naturais do indivíduo, diminuindo sua vitalidade e dificultando seu adequado funcionamento na busca da satisfação de suas necessidades, impedindo, assim, seu progressivo e sadio auto-desenvolvimento.

1.3 - O CONCEITO E O DESENVOLVIMENTO DA NEUROSE NA ABORDAGEM PSICANÍTICA

A neurose é definida por Cabral e Nick (2000), como “distúrbio psicológico, menos severo que a psicose, mas grave o suficiente para limitar a capacidade de ajustamento social e a capacidade de trabalho do indivíduo. É usualmente atribuída a conflitos emocionais inconscientes. O neurótico sabe que seu comportamento é insensato, absurdo ou irrelevante, mas não tem poder para modificá-lo” (p. 207).

A teoria adleriana da inferioridade trata a neurose como uma supercompensação da inferioridade sentida pela pessoa, só que a pessoa neurótica faz isto de forma muito rígida e exagerada. Adler (1956) considera a inferioridade como algo que impulsiona o indivíduo em direção à superioridade, mas o que acontece com o neurótico é que ele quer se transformar em algo extraordinário, buscando um auto-engrandecimento acima de suas possibilidades.

O neurótico, na opinião dos autores Hall, Lindzey e Campbell (2000), tem por si um sentimento de menos valia e, como forma de se proteger ou na tentativa de se livrar do sofrimento causado por esse estado de coisas, ele utiliza-se de salvaguardas. Adler (apud Hall, Lindzey e Campbell, 2000) aponta três formas de salvaguardas: a primeira refere-se à evitação da culpa pelos fracassos e pertence à categoria das “desculpas”; a segunda trata da transferência da culpa para os outros, que faz parte da categoria “agressão” e por fim vem a tentativa de evitar problemas, fuga do contato, incluída na categoria do “distanciamento”. Em algum momento da vida, o indivíduo opta por uma dessas formas de salvaguardas, pois, para qualquer ser humano, é muito difícil aceitar sua inferioridade.

Essas três categorias de salvaguardas se assemelham às formas encontradas por Horney (1974), para classificar os comportamentos de indivíduos neuróticos, e também aos mecanismos de defesas descritos por Anna Freud (1973-1996).

O termo “defesa” é cuidadosamente definido por Anna Freud (1996) em *Ego e seus mecanismos de defesa* como sendo “a palavra, utilizada por Freud, para descrever a luta do ego contra idéias ou afetos dolorosos ou insuportáveis”. (p 36). Com o passar do tempo, esse termo foi sendo deixado de lado e, em seu, lugar surgiu o termo “repressão” que foi considerado um tipo especial de defesa do ego. Mais tarde, novos métodos de defesa foram sendo descobertos na prática e publicados nos trabalhos teóricos da psicanálise, chegando a um total de nove mecanismos que são: isolamento, anulação, projeção, introjeção, formação de reação, inversão contra o eu, reversão, regressão e repressão.

Conforme descreve Cukier (1998), “quem primeiramente identificou os processos automáticos usados pelo ego para se autopreservar, cada vez que sofre um choque severo, foi Freud (1905:2508-2541), mas foi Anna Freud (1973) em *Ego e seus mecanismos de defesa*, quem definitivamente introduziu a questão das defesas do psiquismo no nosso pensamento clínico contemporâneo” (p. 34).

As defesas são formas inconscientes adotada pela criança para escapar de situações realmente intoleráveis, em função da sua dependência em relação ao meio e por não conseguir ainda distinguir o que é seu daquilo que é do outro. A princípio, a criança não faz escolhas desse ou daquele mecanismo, ela adota vários ao mesmo tempo, formando assim um sistema de defesas mais completo e eficiente, que lhe garanta o máximo de proteção.

A respeito do estudo feito pela psicanálise sobre as neuroses, destaca-se a idéia de Anna Freud (1973) sobre a ansiedade do superego nas neuroses do adulto. Para esta autora o superego é o responsável por todas as neuroses. A autora considera que o superego “é o fomentador das discórdias, ‘o mexeriqueiro’ que impede ao ego de entrar em entendimento amistoso com os instintos. (...). O superego exige do sujeito um determinado grau de renúncia sexual e restrição da agressão, que é incompatível com a saúde mental” (p.47). As defesas surgem então, --- utilizando-se de uma linguagem psicanalítica --- como forma de reduzir ou suprimir estímulos, com a finalidade de manter o aparelho psíquico no princípio da constância.

Horney (1974) amplia as idéias de Freud a respeito dos conflitos, afirmando que o papel deles na constituição da neurose é muito mais abrangente do que se imagina, entretanto, são difíceis de serem descobertos por serem essencialmente inconscientes e também porque o neurótico tem dificuldades em admitir seus conflitos. Os sinais que indicam a existência de conflitos interiores podem ser verificados nos sintomas decorrentes e nos comportamentos incoerentes da pessoa. Para a autora, cada “sintoma é o resultado mais ou menos direto de um conflito”. (p. 36). As incoerências podem se tornar as indicações mais bem definidas da existência do conflito.

O conflito relacionado ao complexo de Édipo, na concepção de Horney (1974), é proveniente de perturbações básicas ou de uma “ansiedade básica” vivenciada pela criança por sentir-se só e indefesa em um mundo potencialmente hostil e ameaçador.

A formação dos conflitos, na visão de Horney (1974) tem a ver com o modo como a criança pode agir e como ela age nestas circunstâncias. Ela apresenta três linhas principais de atitudes da criança: ela pode aproximar-se das pessoas, pode afastar-se ou opor-se a elas. Quando a criança busca aproximação, ela aceita sua própria incapacidade ou inferioridade e,

como forma de recuperação, busca o afeto dos outros e apóia-se neles, assim se sentirá em segurança. Ao afastar-se das pessoas, a criança assume a opção de conservar-se à parte. Como ela sente que não é compreendida, pensa que não tem nada em comum com os outros e passa a construir um mundo próprio junto à natureza, com os brinquedos, livros, etc. Quando a criança opõe-se às pessoas, ela ao mesmo tempo, “aceita e conta de antemão com a hostilidade em torno de si” (p.42), como também decide lutar, de forma consciente ou inconsciente.

Verifica-se que, em cada uma dessas atitudes, um determinado elemento da ansiedade básica se destaca: no primeiro caso, a incapacidade, no segundo, o isolamento e no último, a hostilidade. A autora ressalta que em maior ou menor grau as três características estarão presentes nas atitudes dos indivíduos neuróticos e vão gerar inclinações para agir compulsiva e indiscriminadamente nas situações que requeiram o uso de mecanismos de defesa.

Horney (1974) considera a ansiedade o centro motriz das neuroses que representa uma reação emocional diante do perigo, podendo ser acompanhada de manifestações corporais como tremores, transpirações, batimentos cardíacos acentuados, que dependendo da sua intensidade pode levar a um medo forte e súbito que por sua vez pode acarretar em morte.

Para a autora há uma diferença básica entre medo e ansiedade, no “caso do medo, o perigo é manifesto e objetivo, e, no da ansiedade, ele é oculto e subjetivo”. (p.33). A ansiedade tem a ver com a forma que a pessoa encara a situação. As tentativas de se livrar da ansiedade podem ser feita de várias maneiras, como por exemplo, racionalização, narcotização e negação dos sentimentos, etc, sendo todas elas consideradas defesas do indivíduo.

Essa forma de evitar a ansiedade acaba se tornando um novo foco de dificuldades para o neurótico, que além de evitar as situações, sentimentos, impulsos, etc, geradores de conflito, tem que dispor de um grande investimento de energia na manutenção dessas defesas. Horney (1974) assim expressa: “a pessoa neurótica, invariavelmente, sofre mais do que a pessoa comum. Ela tem, forçosamente, de pagar um preço exorbitante por suas defesas, traduzindo sob a forma de uma diminuição da vitalidade e do desenvolvimento, ou, mais explicitamente, de uma diminuição de suas capacidades de realização e contentamento.” (p.20).

Jung (apud Hall, Lindzey e Campbell, 2000) refere-se às experiências intoleráveis e tornadas inconscientes como elementos de decisiva influência na constituição de uma vida desajustada e cheia de um mal estar difuso, que no neurótico predomina na maior parte do

tempo. Estes fatores dificultam a tomada de decisão e a conseqüente impossibilidade de atender às necessidades pessoais.

Assim como a Gestalt Terapia, ressalta que determinados conflitos impedem que a personalidade se torne integrada Jung (apud Hall, Lindzey e Campbell, 2000) avalia que se alguma parte desta for ignorada “os sistemas negligenciados agirão como centros de resistências (...) se houver muitas resistências, a pessoa tornar-se-á neurótica.” (p. 103). A neurose é um poderoso limitador da plena expressão do indivíduo.

Sullivan (apud Hall, Lindzey e Campbell, 2000) traz contribuições que ajudam a entender a questão das necessidades não satisfeitas nas neuroses. Para este autor, a ansiedade é o cerne do processo de aprendizado, que vai gerar a busca por segurança. A ansiedade excessiva torna-se intolerável, produz pensamentos confusos e reduz a capacidade do indivíduo em satisfazer suas necessidades. O neurótico tem as mesmas dificuldades que podem redundar em apatia, tal como descrito por Sullivan, que assim descreve o conflito básico do ser humano: “as influências sociais podem se opor às necessidades biológicas da pessoa a ponto de terem efeitos prejudiciais sobre a personalidade.” (p. 145).

Perls (1942/75, apud Tenório, 2003) faz a mesma afirmativa sobre a base constituinte da neurose: “o conflito mais importante que pode gerar uma personalidade integrada ou neurótica é o conflito entre as necessidades sociais e biológicas do ser humano.” (p. 34). Tenório (2003) conclui que “a neurose é, então, o resultado da tentativa desesperada do indivíduo para evitar o conflito e recuperar o equilíbrio na sua relação com o meio.” (p. 34).

A luta para estabelecer uma relação saudável entre organismo e meio pode ser neutralizada pela impossibilidade de fazer frente à pressão exercida pelo meio. “Cada passo, nessa luta por sua unidade, torna o neurótico mais hostil, inseguro e afastado de si mesmo e dos demais, fazendo com que as dificuldades responsáveis pelos conflitos fiquem mais agudas e sua verdadeira solução cada vez menos atingível” (Horney, 1974, p. 19).

Romero(1997) apresenta um conceito geral de neurose como sendo:

Perturbações psicológicas, originadas na história vital do sujeito – em particular na infância e na adolescência --, caracterizadas pelo predomínio de sentimentos negativos, o que leva o indivíduo a um estado relativamente persistente de ansiedade, depressão e sofrimento. Os sentimentos negativos relacionam-se, via de regra, à auto-estima e à autoconfiança, muito diminuídas nesse tipo de pessoa, estando presente também um nítido ou difuso sentimento de malogro pessoal. Como síntese de tudo isso, a pessoa tende a mover-se num círculo vicioso, isto é, por roteiros repetitivos, desgastantes, improdutivo (p.153).

Observa-se que a neurose, na opinião de todos os teóricos pesquisados, é tida como uma dificuldade criada pela própria pessoa frente ao mundo, devido a sua condição de dependência e vulnerabilidade em relação ao outro, gerando defesas inconscientes contra determinados aspectos, da realidade externa e interna, considerados ameaçadores que produzem padrões de comportamentos dos quais ela própria não consegue se libertar.

O neurótico não admite seu sofrimento. A constante luta do neurótico para estabelecer uma relação saudável e equilibrada entre organismo e meio pode ser neutralizada pela sua impossibilidade de fazer frente à pressão exercida pelo meio. “Cada passo, nessa luta por sua unidade, torna o neurótico mais hostil, inseguro e afastado de si mesmo e dos demais, fazendo com que as dificuldades responsáveis pelos conflitos fiquem mais agudas e sua verdadeira solução cada vez menos atingível” (Horney, 1974, p.19).

A partir da avaliação dos diversos enfoques sobre a neurose, apontados pelas diferentes abordagens citadas neste trabalho, chega-se a conclusão de que todas elas mostram ser a neurose é uma perturbação de natureza psicológica, que tem sua origem no contexto relacional do indivíduo; é de cunho afetivo-emocional, em que o sofrimento é proveniente da intensidade de conflitos e reações emocionais bem como de experiências afetivas que moldam a vida do indivíduo, obrigando-o a buscar os mecanismos de defesa, que exigem esforços sobrenaturais para sua manutenção. Um outro ponto comum entre as abordagens, é a presença da ansiedade e da depressão que no neurótico é de grande intensidade e muitas vezes injustificáveis. Todas as abordagens apontam o predomínio do sentimento de menos valia como base para todos os problemas de inadequação do neurótico no mundo, pois é por meio do seu auto-valor que o indivíduo constrói seu auto-conceito.

1.4 - O CONCEITO E O DESENVOLVIMENTO DA NEUROSE NA ABORDAGEM GESTÁLTICA

Perls (1988) esclarece a condição do homem atual de forma simples e abrangente ao mesmo tempo: “o homem moderno vive num estado de baixo grau de vitalidade” (p. 11). A partir dessa afirmação, o autor entende que o homem encontra-se em um estado de entorpecimento, pois ele “está, em geral, impassível, entediado, indiferente ou irritado, ele é muito bom falando em problemas e muito ruim lidando com eles” (p. 11). Dividido entre o esforço de recapturar o passado e tentativas de imaginar o futuro, “suas atividades no presente são meramente tarefas aborrecidas que deve tirar do caminho”. Assim desconectado de si e do ambiente que o cerca, mantém-se preso a um estilo de vida que não lhe permite estar em contato com suas potencialidades.

O ser humano é o único animal que não consegue sobreviver sem a presença do outro. Perls (1988) afirma: “Ninguém é auto-suficiente; o indivíduo só pode existir no campo circundante.” (p. 31). O campo ao qual Perls se refere é um espaço de inter-relações constituído pela própria pessoa e pelo seu meio e, de acordo com o tipo de relação que aí se estabelece, tem-se o tipo de comportamento do indivíduo, que poderá ser considerado normal, se a relação estabelecida for satisfatória para os envolvidos ou anormal caso a relação seja conflituosa. Segundo o mesmo autor, “o meio não cria o indivíduo, nem este cria o meio. Cada um é o que é, com suas características individuais, devido a seu relacionamento com o outro e o todo.” (p.31).

O homem na visão da Gestalt Terapia é um organismo unificado onde corpo e mente não são entidades independentes atuando de forma separada. O ser humano é visto como um todo, que integra pensamentos, sentimentos e ações nas suas vivências do dia-a-dia. Esta é a idéia de totalidade que juntamente com a idéia de campo organismo-meio formam o núcleo do pensamento dos teóricos gestaltistas.

Outro conceito central é o conceito de contato que, para a Gestalt Terapia, representa uma função do campo e que funciona em conformidade com as leis que regem esse campo. A atuação do indivíduo nele é um ato de autoconsciência e envolvimento das funções sensoriais, motoras e cognitivas de forma complexa e dinâmica, visando mudanças em si e na sua relação com o mundo. Ribeiro (1997) afirma: “contato é uma palavra mágica, é sinônimo de encontro pleno, de mudança, de vida, (...) sem contato tudo perde sentido, agoniza e morre.” (p. 15).

Como explica Tenório (2003) para esses teóricos da Gestalt Terapia “o organismo tende a ser uma unidade integrada que se relaciona constantemente com seu meio” (p. 34). Neste sentido é através do contato que o indivíduo expressa sua totalidade, exerce sua liberdade de ação, enquanto promove sua auto-regulação na busca do equilíbrio na relação com o seu meio. Todo esse mecanismo de auto-regulação se dá na fronteira do contato, local de atuação dos processos sensório-motores e dos fenômenos psicológicos. Dentro dessa perspectiva gestaltista, estudar os comportamentos humanos corresponde a estudar o que ocorre na fronteira do contato.

Esta dinâmica na fronteira do contato acontece em função das necessidades básicas, das quais o indivíduo depende plenamente para sobreviver. Cukier (1998) considera que essas necessidades básicas são de ordem física e ordem emocional. As necessidades de ordem física são relativas à alimentação, à higiene, à saúde, ao calor, à estimulação tátil, etc., e as de ordem emocional dizem respeito à “necessidade de dependência, de poder contar com o outro” (p. 25).

Perls (1942/75, apud Tenório, 2003), vê o indivíduo como “uma criatura essencialmente biológica com impulso natural em direção ao equilíbrio”. Este autor acredita ser inerente ao ser humano a tendência à auto-organização de suas experiências com o meio, de modo a formar um todo significativo na busca do seu equilíbrio biopsicossocial. Para satisfazer suas necessidades, o organismo tem que buscar no meio os suplementos dos quais necessita e seu sistema sensório-motor fornecerá todas as condições para esta plena realização.

A qualidade do contato mantém íntima relação com a história de vida da pessoa, ou seja, com tudo que fez e faz parte das suas vivências relacionais desde o nascimento. “Somos o resultado de nossas relações ao longo do tempo. O contato é efeito das relações que mantivemos com os diversos campos em que nos movemos.” (Ribeiro, 1997, p.24). Vê-se que os acontecimentos na fronteira do contato é um processo dinâmico que recebe influência das vivências passadas do indivíduo, gerando expectativas e mobilizando energias nos níveis físico, psíquico e emocional, o que por sua vez exige uma ação dele, com vistas à satisfação de suas necessidades básicas.

A natureza do contato é a de estabelecer a interação organismo/meio, essa interação é de um fundo indiferenciado. A necessidade que emerge é denominada figura, que juntamente com o seu fundo delimitador constitui o aspecto fenomenológico da experiência humana.

De acordo com Joslyn (1977), a figura pode ser comparada com os aspectos visuais e espaciais da experiência e o fundo, com os aspectos não visuais, “aspectos do nada em torno

de algo.” (p. 304). Isto equivale a dizer que as questões que estão presentes na mente e/ou na ação do indivíduo, no aqui e agora, são consideradas figuras e aquelas que permanecem no nível inconsciente são aspectos do fundo. O indivíduo experimenta constantemente uma alternância entre essas duas posições, coisas do fundo se tornam figura e vice-versa.

O mesmo autor esclarece que a figura emerge do campo e deve desenvolver a “boa forma”, fechar a gestalt pelo atendimento de seus propósitos, quando isso não ocorre, dá-se o ensejo para o desequilíbrio do indivíduo.

Os desequilíbrios que podem surgir do não atendimento das próprias necessidades são responsáveis pela instalação da neurose. Perls (apud, Joslyn, 1977), também ajuda a esclarecer esta questão: “nossa necessidade mais premente tende a vir naturalmente para o primeiro plano de atenção, enquanto todo o resto tende a retroceder para o fundo” (p. 306).

Simultaneamente, Joslyn (1977) ressalta a importância do aqui e agora e a sua correlação com o fenômeno figura-fundo: para que a figura vá para o fundo e nova figura tenha a oportunidade de emergir, é preciso que o indivíduo perceba o que tem importância no aqui e agora, concentre aí a sua atenção e faça a escolha adequada e consciente da ação de auto-regulação, evitando, com isto, o que Perls chama de “negócios inacabados”.

A partir dessa concepção chega-se à idéia de que os problemas dos indivíduos são decorrentes de contatos interrompidos, seja por evitação, seja por fuga, que podem ser vistos como figuras incompletas ou necessidades do passado, interrompidas, intrometendo-se no presente sempre de novo, numa tentativa de serem resolvidas ou completadas.

O indivíduo em estado conflituoso consigo e com o meio lança mão de mecanismos que têm a função específica de evitar contato com certas experiências do passado, que foram dolorosas ou amedrontadoras. Independente da idade que tenha, se ele não conscientizar-se dessa condição, seu funcionamento será empobrecido em função dessas interrupções do contato e a conseqüente alienação de suas próprias necessidades.

O ser humano na visão humanista, uma das bases da Gestalt Terapia, nasce com uma potencialidade ao desenvolvimento, ao crescimento e ao aperfeiçoamento e, dentro de seu contexto relacional, essa capacidade é colocada em ação com a finalidade de manter o equilíbrio organismo-meio, que é o equilíbrio entre as necessidades da pessoa e as necessidades do outro.

Perls (1973) salienta que o homem parece trazer consigo ao nascer um sentido de equilíbrio social e psicológico e tudo que ele faz tem por finalidade atingir esse equilíbrio. No entanto a busca pelo equilíbrio social, pode levar ao desequilíbrio psicológico. Assim o autor explica: “a busca de equilíbrio do homem o leva a retirar-se mais e mais, a permitir que a

sociedade o influencie demais, a subjulgá-lo com suas exigências, ao mesmo tempo, a separá-lo do convívio social, a pressioná-lo e moldá-lo passivamente, nós o chamamos de neurótico. O neurótico não pode ver claramente suas próprias necessidades e, portanto, não pode satisfazê-las. Não pode distinguir adequadamente entre si e o resto do mundo e tende a ver a sociedade como maior que a vida e a si mesmo como menor” (p. 41).

Analisando essa descrição a cerca do neurótico, verifica-se que se trata de uma condição, já instalada, de atuar no mundo que a pessoa desenvolveu no seu contexto relacional. E se assim ocorreu, como é que tudo aconteceu? O que de fato possibilita os distúrbios no equilíbrio que surgem no campo organismo-meio? Perls (2002) fala de um desencontro entre as necessidades vivenciadas pelo indivíduo e as necessidades do seu grupo social. Como parte do grupo a pessoa, em função de seus “impulsos primitivos psicológicos de sobrevivência” (p. 42), busca o contato com o grupo e é dessa relação de dependência que podem começar os problemas.

Perls (1951/2002) em seu postulado dos estágios do desenvolvimento humano correlacionando-os com as etapas de nascimento dos dentes defende a idéia de que a pessoa durante seu desenvolvimento passa pelos seguintes estágios: pré-natal, pré-dental, incisivo e molar.

No estágio anterior ao nascimento, o pré-natal, o feto recebe todo alimento de que necessita diretamente do corpo da mãe sem que para isso tenha que fazer qualquer esforço. Após o nascimento e numa condição ainda de muita dependência o recém-nascido enfrenta a situação de ter que fazer alguma coisa por si só para sua sobrevivência, como por exemplo: respirar para suprir o seu corpo de oxigênio e sugar para obter o seu alimento. Neste estágio, o alimento é líquido não necessitando ser mastigado, por essa razão é considerado o estágio pré-dental.

Na seqüência do desenvolvimento infantil, dentro dessa perspectiva, surgem os primeiros dentes que são os incisivos, próprios para cortar. Munido com essa ferramenta a criança pode então atacar os alimentos sólidos, destruindo-os. A criança em fase de amamentação vai experimentar em sua boca a “coisa” sólida que são os mamilos da mãe. Nas primeiras tentativas da criança de usar os dentes, dando uma mordida que pode ser dolorosa no mamilo da mãe, tem sua ação inibida por alguma atitude punitiva por parte desta, que pode ser a retirada brusca do seio da boca do bebê, ou um tapinha, ou uma bronca, etc. Formas repetidas de punição, como as citadas e mesmo o desmame prematuro, na opinião de Perls (2002) leva à inibição do ato de morder que poderá ter reflexos no desenvolvimento da habilidade de enfrentamento do objeto por parte da pessoa, quando isso for necessário.

O estágio seguinte de desenvolvimento está relacionado com o aparecimento dos molares que terão a função de completar a tarefa da mastigação, da transformação do alimento sólido em uma massa semi-fluída, resultado da mistura com a saliva, para posterior aproveitamento pelo organismo. Essas duas últimas etapas do desenvolvimento se vivenciadas de forma tranqüila pela criança proporciona o desenvolvimento da habilidade de enfrentar, destruir e atacar os alimentos sólidos. Por outro lado, se nessa etapa ocorre a inibição do ato de morder o desenvolvimento dessa capacidade fica prejudicada e isso poderá refletir negativamente na estrutura da personalidade da pessoa.

Como isso pode acontecer? Perls (1951/2002) explica que “a criança pequena não pode reprimir seus impulsos, nem resistir facilmente a um impulso tão forte como o de morder. Na criança pequena, as funções ego (e, como elas, as fronteiras do ego) não estão ainda desenvolvidas. (...). Neste estágio a criança não pode distinguir entre o mundo interno e o externo.” (p. 167). O morder da criança e o receber palmadas pelo seu ato a leva a assimilar o sentido de machucar e ser machucado. Assim ela passa a inibir a habilidade de machucar (quando pequena; a de morder) e paralelamente vai desenvolvendo em si o medo de ser machucada e este medo por sua vez leva o indivíduo à evitação de atitudes que infligem dor, formando-se assim um círculo vicioso na vida dele. “Quanto mais a habilidade de machucar é inibida e projetada, mais a criança desenvolverá o medo de ser machucada; e este medo de retaliação, por sua vez, produzirá uma relutância ainda maior para infligir dor. Nesses casos, o uso insuficiente dos dentes incisivos é encontrado, junto com uma incapacidade de ter controle sobre a vida, de enfrentar uma tarefa. Idem, p. 167.

A interrupção desse modo de expressar a agressividade por meio do ato de morder, que para a criança está associada a habilidade de machucar e ser machucada, é uma experiência que pode ser vista como um dos precursores da interrupção do contato. O medo que advém de uma atitude que pode causar dor a impede de fazer contato com o outro, impedindo também a satisfação de suas necessidades que, por conseguinte, vai refletir na constituição da personalidade do indivíduo.

Diante da interrupção da experiência a pessoa busca outras formas para continuar seu processo de desenvolvimento, que nesse ponto já se está contaminado pela inibição de um comportamento natural que foi alterado sem que a criança tivesse a compreensão adequada do fato.

Perls (2002) faz uma correlação desse processo de transformação do alimento sólido com a transformação do alimento mental e emocional do campo organismo meio, alegando que “a fome de alimento mental e emocional se comporta como a fome física” (p. 169). O

autor considera que função destrutiva não satisfeita é ‘sublimada’ e mais tarde irá se manifestar de formas nocivas, como por exemplo: fazer guerras, matar, crueldades, violências em geral.

Uma outra idéia defendida por Perls (2002) e que ele relaciona com a ingestão de alimento físico ou psíquico é a de resistência oral. Ele considera que o ato da criança rejeitar o alimento, por meio da repugnância, seja no momento que entra na boca e no estômago, ou apenas quando o imagina é uma resistência oral de impedir que algo indesejável entre em seu organismo. Tenório (2003) escreve: “O repugnar significa, portanto, uma oposição ao alimento, uma interrupção do contato com algo que vem de fora, antes que este se converta em parte de nós mesmos, é uma alienação ou evitação daquilo que pode ser nocivo ao organismo e que não foi possível ser desestruturado pela agressão ou pelo contato” (p. 37).

Numa condição de total dependência, a criança pode, da mesma forma como teve o ato de morder inibido, ter também a atitude de repugnar inibida. Muitas mães podem, num ato de inconsciência, de inexperiência ou mesmo de vontade consciente forçar a criança a engolir alimentos que ela não deseja, inibindo dessa forma o ato de repugnar.

Diante da imposição da pessoa cuidadora, a criança indefesa se vê praticamente obrigada a engolir o alimento, e a forma menos sofrida que ela encontra é a de engoli-lo inteiro, mesmo que posteriormente ela o coloque para fora, vomitando-o, pois engolir o alimento inteiro é uma forma de se livrar rapidamente do seu sabor indesejável. Esta não é a escolha desejada pela criança, e sim, uma tentativa de manter o equilíbrio organismo-meio, pois ao mesmo tempo em que ela se livra do sofrimento de comer algo com gosto ruim, ela atende as exigências do outro, evitando perder o seu amor.

Tenório (2003) referindo-se ao atendimento das necessidades da criança pelo meio, esclarece que “se o ambiente não for confiável e benéfico o material oferecido à criança pode ser tóxico e desagradável, por ser incompatível com suas necessidades e, caso seja introjetado, permanecerá como um corpo estranho e nocivo dentro do próprio organismo, impedindo seu processo natural de auto-regulação e crescimento” (p.38).

Tenório (2003) denomina de introjetos tóxicos aquelas mensagens proibitivas arbitrarias, vindas dos pais, que impedem e dificultam os impulsos naturais e espontâneos de auto-regulação orgânica da criança. Na opinião da autora, esses introjetos permanecem dentro do indivíduo, funcionando como resistência que contamina o desenvolvimento saudável da pessoa, provocando uma divisão interna de sua personalidade ou alimentando conflitos entre as partes próprias do self e esses núcleos introjetados.

Esta dinâmica desestruturante do organismo leva a um processo de alienação de partes próprias do self e ao mesmo tempo, atuam como um transmissor interno das mensagens introjetadas, lembrando à criança do risco que ela corre de perder o amor dos pais, caso desobedeça as suas ordens e isso, acaba se transformando numa crença fóbica, associada à situações ameaçadoras, caso as leis proibitivas não forem obedecidas.

O acúmulo desses introjetos tóxicos no organismo diminui a vitalidade da pessoa e, conseqüentemente, sua habilidade de enfrentamento do mundo. Assim ela passa a evitar o contato, aumentando ainda mais os introjetos tóxicos provenientes de situações inacabadas ou interrupções do contato, que favorecem o desenvolvimento da neurose, pois estes introjetos permanecem como um elemento à parte e vivo dentro do indivíduo, exigindo dele um gasto excessivo de energia para mantê-los como fundo e, também, para evitar novas situações ameaçadoras do falso equilíbrio conquistado no campo-organismo-meio.

Assim como o indivíduo não conseguiu acionar suas resistências para evitar ou modificar as coisas vindas do meio, durante seu processo de desenvolvimento, ele vai criar formas de resistências contra o que vem de dentro de si mesmo, aumentando a necessidade de controle contra coisas internas e externas, tendo que permanecer em constante estado de alerta, se transformando num “sabotador internalizado, que impede a realização das necessidades do próprio Self, bloqueando seu processo de auto-regulação orgânica. É esse tipo de resistência, a interrupção, evitação do contato com aspectos próprios do Self que gera a neurose.” (Tenório, 2003, p. 39).

O self do indivíduo neurótico apresenta uma estrutura fragilizada que é constituída por duas partes que estão sempre se confrontando; uma delas diz respeito à parte introjetada das coisas externas, que tem sua base no medo da criança de ser abandonada, de não ser aceita, de ser punida, de perder o amor dos pais, etc., e que, para sua sobrevivência, se vê obrigada a aceitar as imposições vindas deles. Esta parte se torna mais forte dentro do indivíduo e domina a outra parte que é própria do Self e em detrimento dessa dominação, esta parte do Self é alienada e projetada para fora de suas fronteiras.

Tenório (2003) refere-se a estas partes como sendo o dominador e o dominado dentro da estrutura neurótica. A autora comenta: “A parte introjetada ou falsa (dominador – não devo sentir raiva), formada basicamente a partir do medo de ser punida ou abandonada, por garantir a sobrevivência da criança, torna-se a parte mais forte, enquanto a parte verdadeira ou não introjetada (dominada – sinto raiva) torna-se mais fraca, submetendo-se às imposições da parte introjetada, tornando-se alienada e projetada para fora das fronteiras do Self.” (p. 40).

Tenório (2003) explica que na neurose, devido ao conflito entre o dominador e o dominado, as coisas que pertencem essencialmente ao Self são alienadas e projetadas para fora das fronteiras e aquilo que é do outro é identificado e introjetado para dentro das fronteiras. Nesse novo modo de atuação orgânica a função ego do Self se torna fragilizada não conseguindo discriminar adequadamente entre o que é próprio do Self e o que é do outro, ou seja, o indivíduo perde a capacidade de distinguir coisas delas das coisas do meio, entre o que é prejudicial e o que é saudável para sua auto-regulação no campo organismo-meio.

O Self é visto por Ribeiro (2006) como estrutura e processo que se resume a um sistema de contatos que dá consistência e unidade no funcionamento da personalidade. Dessa forma, o self pode ser entendido como a unidade que se manifesta por meio das seguintes funções: função id ou Self emocional; função ego ou Self motor e função personalidade ou Self cognitivo. O funcionamento integral dessas três funções dá ao sujeito a sensação única de que ele é ele e não o outro.

Tenório (2003) fala que o Self quando dividido pelos introjetos tóxicos tem também dividida a função ego que passa a atuar no sentido de “manter a integridade do campo introjetado e assegurar que os elementos do campo atual permaneçam no fundo, de forma imperceptível” (p. 44), como forma de proteger esse material introjetado, tanto de coisas vindas de fora como de seu próprio interior.

O neurótico, na sua interação com o meio, está permanentemente exposto à situações que ameaçam à integridade desse campo e é inevitável que em algum momento esta estrutura é tocada por alguma espécie de estímulo do meio que fazem vir à tona imagens desse núcleo formado por situações inacabadas, pendentes de soluções e de fechamento. Esse funcionamento inadequado e as conseqüentes tentativas de auto-regulação na fronteira do contato geram tensão dentro do campo, mobilizando energias que serão utilizadas pelo Self, através da função ego, na busca do equilíbrio perdido e ao mesmo tempo reduzir a tensão e o desconforto.

Como foi citado anteriormente, o estudo do comportamento do indivíduo na Gestalt Terapia é feito por meio do estudo do que ocorre na fronteira do contato no campo organismo-meio, onde a pessoa consegue perceber seus limites físicos, emocionais, sociais e espirituais. Referindo-se ao conceito de fronteira do contato, Ribeiro (2006) atribui à perda das fronteiras e dos contornos de si mesmo as causas do adoecimento do indivíduo, ele afirma: “adoecer é perder as fronteiras e os contornos de si mesmo, é tentar ir além dos horizontes, esquecendo que limites, fronteiras e contornos existem ou são criados, a priori, para nossa proteção.” (p. 135).

Foi estudando as ocorrências na fronteira do contato que foi possível compreender os comportamentos e atitudes do indivíduo neurótico. De acordo com Ribeiro (2006), viver significa estar em contato consigo mesmo e com o mundo, e todas as dificuldades do neurótico surgem em função da sua incapacidade de fazer contato pleno, significando que ele tem uma dificuldade na condução da própria vida.

As ações do neurótico na busca do equilíbrio são quase sempre de fuga ao invés de enfrentamento da situação. Ele adquiriu esse comportamento de fuga, evitação ou interrupção do contato, ao longo da vida, por meio do ato de introjetar as coisas pertencentes ao outro, adotando-as como suas e guardando-as dentro de si, necessitando defendê-las contra interferências internas e externas, por meio desses mecanismos. Assim toda nova experiência será antecipadamente vista por ele através desta lente que distorce a realidade e o leva a tomar decisões inadequadas, que não satisfazem suas reais necessidades e dificultam a recuperação do equilíbrio organismo-meio.

2. METODOLOGIA DE PESQUISA

2.1 – Principais características e pressupostos da pesquisa qualitativa

A abordagem qualitativa de pesquisa apresenta a possibilidade de poder descrever a complexidade de situações hipotéticas ou de problemas, de analisar a interação entre as variáveis, de compreender e de classificar os processos dinâmicos experimentados por grupos, permite a apresentação de sugestões para mudanças, e dentre outros, a análise das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos. “Trata-se de um método de pesquisa que tem por objetivo situações complexas e estritamente particulares.” (Pedro, 2001, p. 130).

“Assumir o desafio de empreender uma pesquisa de caráter qualitativo é também aceitar realizar um exercício de humildade e partilha, ao recordar – em conjunto – histórias que envolvem emoções e frustrações, mas também resistência e perseverança, alegrias e sucessos na busca de conhecer o outro e suas trajetórias ao longo da vida.” (Simson, 2005, apud, Pacheco, 2005, p. 9).

A descrição acima citada é utilizada com a finalidade de ilustrar como se caracterizam as relações entre pesquisador e pesquisado numa pesquisa qualitativa. Nesse método de pesquisa invariavelmente acontece uma situação de contato com fins específicos, dentre eles, descrever, significar e compreender as experiências vividas pelos sujeitos pesquisados, com base em seus relatos verbais ou escritos, formulados a partir de questionamentos propostos pelo pesquisador a respeito do fenômeno estudado.

Os processos da auto-regulação orgânica e da subjetividade do pesquisador e do pesquisado estarão presentes no contexto da investigação, do mesmo modo que em qualquer outro contexto de vida dos sujeitos envolvidos. Daí a razão porque esse método de pesquisa foi tão questionado em outros tempos. Hoje este é um método bastante utilizado, principalmente nas pesquisas em Ciências Sociais e Humanas.

Dembo (apud, Gonzalez Rey, 2002), lembra que na pesquisa qualitativa o pesquisador deverá se atentar para dois aspectos importantes; um deles diz respeito à comunicação entre pesquisador e pesquisado que requer ser estudada, analisada e melhorada sempre; e o outro se refere à consideração que se deve ter sobre as circunstâncias que afetam o material a ser pesquisado, embora ela comente não poder enfatizar qual a sua importância nos processos da comunicação neste tipo de pesquisa.

O caráter interativo do ser humano faz com que os processos característicos de suas relações sejam constituídos a partir da expressão da subjetividade dos indivíduos da relação. Na opinião de Gonzalez Rey (2002) não há como isolar as características psicológicas do indivíduo do contexto em que essas características se manifestam, portanto não há como falar em neutralidade do pesquisador no trabalho de pesquisa qualitativa. A própria presença do pesquisador já representa um elemento de sentido que afeta as diferentes formas do diálogo entre o pesquisador e o sujeito pesquisado, pois ambos têm um papel ativo durante a pesquisa. As construções do sujeito pesquisado nesse contexto é fruto da interação das suas necessidades com os códigos sociais em seu meio. O pesquisador terá um papel de maior responsabilidade e habilidade para definir de forma eficaz os indicadores relevantes sobre o que se está estudando, e da mesma forma como acontece com o pesquisado, o pesquisador também tem uma participação ativa repleta de significações e sentidos subjetivos.

O diálogo, como um processo interativo-constutivo que se desenvolve no curso da pesquisa, é o foco da atenção dos pesquisadores, pois ele é a principal fonte de informação para a construção do conhecimento sobre a subjetividade, e uma produção de informação de qualidade só será conseguida, por meio do interesse e da participação madura dos sujeitos pesquisados e isto, por conseguinte só se consegue a partir “da maturidade dos processos de comunicação gerados de forma diversa no desenvolvimento da pesquisa.” (Gonzalez Rey, 2002, p. 56).

O clima da pesquisa é outro fator que deve ser levado em consideração ele deverá propiciar ao indivíduo estudado segurança, confiança e despertar nele interesse e motivação para colaborar com a pesquisa.

Passar as informações sobre a pesquisa e pesquisador para os participantes também constitui um passo importante e ético para o bom andamento dos trabalhos. Os sujeitos pesquisados deverão estar muito bem informados sobre o tema da pesquisa e sobre o pesquisador, isso vai despertar neles interesse, motivação e reflexões sobre o assunto em questão.

Em todas as fases da pesquisa em que se configura a relação pesquisador/pesquisado deve ser lembrado que estarão sempre presentes tanto a subjetividade individual como a subjetividade social, definidas por Gonzalez Rey (2002) como: “um sistema complexo de significações e sentidos subjetivos produzidos na vida cultural humana, e ela se define ontologicamente como diferente dos elementos sociais, biológicos, ecológicos e de qualquer outro tipo, relacionados entre si no complexo processo de seu desenvolvimento” (p. 36/37).

2.2 – Objetivos da pesquisa

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como o sentimento de menos valia se desenvolve no indivíduo, sua relação com complexo de inferioridade e como a baixa auto-estima contribui para o desenvolvimento da neurose através de uma análise interpretativa do conteúdo dos relatos verbais de sujeitos que se propuseram descrever suas experiências e falar sobre os aspectos de sua vida relacionados ao tema em questão.

2.3 – Procedimentos metodológicos

Foram entrevistados três sujeitos do sexo feminino com idades variadas, que se percebem com baixa auto-estima. As entrevistas foram realizadas com base no roteiro elaborado previamente, contendo questões básicas que serviram para direcionar a busca de informações que atendessem aos objetivos da pesquisa, com liberdade para inclusão de novas questões à medida que se fizessem necessárias.

2.3.1 – Escolha e descrição dos sujeitos

A escolha dos sujeitos foi feita com base em conversa prévia com pessoas conhecidas pela pesquisadora que se queixavam de problemas com baixa auto-estima. Todos os sujeitos moram em Brasília e vieram de alguma outra parte do país. A entrevistada nº 01 tem 56 anos, solteira, sem filhos, tem escolaridade de 2º grau incompleto, profissão do lar e trabalha como diarista e é a quinta filha de uma prole de 12 filhos. A entrevistada nº 2 tem 51 anos, separada judicialmente, tem um filho, é servidora pública aposentada, tem escolaridade de 3º grau completo e é a primeira filha de uma prole de 12 filhos. A entrevistada nº 3 tem 32 anos, divorciada, tem um filho, não trabalha, tem escolaridade de 3º grau completo e é a segunda filha de uma prole de três filhos.

2.3.2 – Coleta de dados

Por se tratar de entrevista semi-estruturada, elaborou-se inicialmente o um roteiro básico contendo sete perguntas indiretas que possibilitassem ao entrevistado maior liberdade de resposta e um diálogo tranquilo entre entrevistado e entrevistador que permitisse a inclusão de novos questionamentos durante a entrevista.

As entrevistas foram realizadas individualmente em local e datas diferentes. O local foi escolhido por cada uma das participantes, sendo que em todas elas, o encontro entrevistada/entrevistadora se deu em uma sala reservada, sem interferência de barulho e de outras pessoas não envolvidas na pesquisa. A duração das entrevistas variou entre quarenta minutos e uma hora. As entrevistas foram gravadas em fita cassete, posteriormente transcritas para utilização neste trabalho mediante autorização, por escrito, de cada participante.

2.3.3 – Análise dos dados

A análise das informações coletadas nas entrevistas foi feita com base no conteúdo do artigo escrito por Ferreira (2000), com o objetivo de auxiliar “pesquisadores e alunos a realizar uma análise de conteúdo, segundo Laurence Bardin.” (p.13).

O primeiro passo na análise de conteúdo da presente pesquisa qualitativa visou a organização do material, que foi: a escolha de documentos a serem analisados; elaboração de questionamentos norteadores no sentido obter de informações que posteriormente seriam discutidas e elaboradas teoricamente na conclusão do trabalho.

Os documentos a serem analisados, por se tratar de entrevista, foram as transcrições das entrevistas, em cujo processo de análise foram levados em conta os fatores da *exaustividade* – a comunicação deverá ser esgotada, sem omitir nada; da *representatividade* – a amostra deve representar o universo; da *homogeneidade* – os dados devem referir-se ao mesmo tema, serem obtidos por técnicas iguais e colhidos por indivíduos semelhantes; da *pertinência* – os documentos precisam adaptar-se ao conteúdo e objetivo da pesquisa; e *exclusividade* – um elemento não deve ser classificado em mais de uma categoria.

Uma primeira leitura, a qual Bardin chama de “leitura flutuante”, possibilitou o levantamento de hipóteses, ou seja, de uma explicação antecipada e provisória daquilo que se propõe verificar e formulação dos objetivos do trabalho. Após esta “leitura flutuante” e com base nas questões que nortearão o trabalho, partiu-se para a escolha dos índices e preparação do material para a exploração.

A exploração do material consistiu na escolha de unidade de registro ou de sentido relativos aos diversos temas abordados pelos sujeitos. Em seguida esses temas foram organizados e agrupados em categorias escolhidas e denominadas, de acordo com a interpretação feita pela pesquisadora, dos relatos verbais dos sujeitos.

O tratamento dos resultados partiu de inferências, passando em seguida pela interpretação dos dados por meio de conceitos e proposições, concluindo assim a análise do conteúdo na sua real profundidade.

3 – RESULTADOS DA PESQUISA (Análise de conteúdo)

SUJEITO 01 - MEF

Categoria 1 – EXPERIÊNCIAS E SENTIMENTOS VIVIDOS NA INFÂNCIA.

Definição: esta categoria refere-se às experiências e sentimentos vividos pelo sujeito na infância em sua relação com o meio familiar, que contribuíram para a construção do seu valor pessoal.

Temas abordados nesta categoria:

1) Ameaças e medo

Verbalizações:

- “Meu pai ameaçava sempre a minha mãe. Não meus irmãos, mas uma pessoa doida pode matar todo mundo, ele chegava jogando tudo no chão, o povo tudo correndo, os vizinhos acudindo, polícia e tudo, sabe? Mas quem quis nos matar foi a minha mãe, não foi ele não. De raiva dele ela disse: “pois eu vou matar todos os seus filhos, vou colocar veneno no pote.” (...) A maior lembrança nisso, foi eu pensar assim: mas se morrer todo mundo, onde é que vai comprar tanto caixão, gente? (...) Para mim era uma lembrança horrível (...). Aí saíamos todos correndo para a casa de uma tia.”
- “daí você não bebe água, você não dorme, você não tem sossego.”
- “Eu sentia sempre muito medo, medo, medo, medo dele matar ela, medo dele, sabe?”
- “Era um verdadeiro inferno e eu não tinha saída”.
- “Minha mãe me batia do nada. Eu sei que ela me batia à toa, não era pra me corrigir, era de raiva, à toa, descarregando a raiva que ela tinha de meu pai”.
- “minha mãe me deu um chute na bunda me jogou lá no meio das bananeiras, no tempo de cachorro doido. Eu quase morri de medo. “

2) Amor/Desamor

Verbalizações:

- “Eu até acho que fui amada quando criança, depois que eu cresci é que eles não me amaram mais.”

- “Era um amor esquisito, aquele amor que quem ama não mata..., mas ela matava. Amava e matava, pois só de falar que ia por veneno no pote pra gente ficar alucinado, então já era uma forma de matar as pessoas”.

-“Minha mãe nunnnnca me abraçou. Se abraçou não me lembro, nem dela nem dele. Só me lembro dele me dar essa surra, mas foi uma surra mais com amor, tanto que não ficou marca.”

3) Desamparo e abandono.

Verbalizações:

- “Aí, meu pai natural, me deu pra essa família. Ficou aquela cachorrada, minha mãe disse que foi ele, ele disse que foi ela, mas eu acredito que foi ele.”

- “Eu fiquei muito tempo com essa tia minha. (...). Na verdade é um trem esquisito, eu nunca ficava na minha casa, eu só vivia na casa dos outros, trem esquisito, né?”

- “Aí eu fiquei naquela casa e minha mãe queria me ver..., quando minha mãe queria me ver, esse meu pai de criação falava que ela não ia me ver porque ela era uma prostituta. Então eu só lembro..., eu tenho aquela lembrança dela desesperada batendo a mão pra mim, pelos vidros. E ele falava: ”você não vai”. Aí, depois eu a via descendo o beco ali, e eu ficava sem entender nada(...). Por isso que eu digo, que quem me deixou lá foi meu pai, pra castigar minha mãe.”

- “Geralmente os filhos ficam com os pais, mesmo o lar sendo pobre, eles ficam com os pais, mas eu ficava sempre nas casas dos outros. Eu tenho assim lembranças de eu ficar lá fazendo docinhos de mentira, brincando, eu ia pra escola, mas assim, sempre cheguei atrasada, não tinha muita noção. Ninguém me orientava.”

-Eu ficava de del em del lá em Unaí, depois é que eu fui para Paracatu para ser entregue a família do tal de Petrônio, pra ser escrava lá, eu tinha onze anos, uma criança, né?”

- “Eu brincava no açafão sozinha. Era muito sozinha.”

- “Aí, do nada, sem entender como, minha mãe e meu pai foram me levar num convento de umas freiras e quando as freiras falaram pra eu não botar a cara pra fora do portão, eu falei que eu não ia ficar. Aí então, meu pai falou que eu ia ficar na casa desse pessoal. Eu não tive escolha. Eu sem entender e porque não tinha escolha, eu fiquei. Pelo menos não me falaram que não ia me deixar presa e também não me falaram que não iam me pagar e que eu ia ser uma escrava e ter que transar com todos os homens lá, da casa. E não podia falar nada, que eles me batiam, se eu fosse contar.”

Categoria 2 - FORMAS DE REAGIR DIANTE DE CIRCUNSTÂNCIAS DESFAVORÁVEIS.

Definição: nesta categoria são mostradas algumas das forma encontradas pelo sujeito para se livrar das situações desagaveis e intoleráveis que se lhe apresentavam na infância e adolescência.

Temas abordados nesta categoria:

1) Aceitação

Verbalizações

- “Aí, eu bobinha, falava que era eu: então foi eu, pra não apanhar, aí é que eu apanhava, por ter mentido. (...) eu não tinha saída, era um verdadeiro inferno!” (...), Aí eu pegava e falava então, fui eu, já que não vou apanhar, porque minha irmã falava, ‘foi ela, foi ela’. “ É natural até que ela mentisse também, pelos horrores... “
- “E a gente não podia chorar. Ai da gente que chorasse! E também falava assim, se a gente fosse às casas dos outros não era para aceitar nada, nem água. Se tiver com sede, nem água, ela dizia.”

2) Enfrentamento

Verbalizações:

- “Você quer que eu goste do meu nome sem gostar? Então me faz gostar, porque eu não gosto. Até isso eu tenho que mentir? Ou então deixasse eu morrer, porque vocês já mataram a gente pelas metades, porque vocês não acabam de matar? Isso eu falava pra ela “.
- “Minha mãe fazia umas tranças no meu cabelo e cada vez que fazia eu ia lá e destrançava, ela me matava de bater, eu ia lá e destrançava. Ela não podia comigo quando criança.”

3) Fuga

Verbalizações:

- “Eu não tinha ligação era com nenhum dos dois, mesmo ele falando que eu era bonita, mesmo ele não tendo me batido, eu não tinha com nenhum dos dois.”
- “Era minha mãe mesma quem contava que eu ia pra trás da porta, sumia e ninguém me achava, ou então eu ficava dentro da dispensa, comendo rapadura até desmaiar “.

Categoria 3 – O CONCEITO DE SI MESMO E DOS PAIS

Definição: esta categoria mostra a forma como a entrevistada construiu, a partir de suas vivências na infância e adolescência, o autoconceito e o conceito a respeito de seus pais.

Temas abordados nesta categoria:

1) Autoconceito

Verbalizações:

- “as últimas palavras de meu pai para comigo era que eu era uma pessoa muito harmoniosa..., pena que ele descobriu isso morrendo, né? Ele tinha que ter descoberto isso antes, porque toda a vida eu fui, ele é que não via.”
- “uma vez fui passar o natal com minha irmã, eu muito boba, coração muito bom e ela praticamente me mandou embora da casa dela...”
- “na minha casa, gente, vassoura e rodo é tudo a mesma coisa, vassoura e rodo tem até mais serventia, mais valor e mais beleza.”
- “só tenho coisa ruim e louca também.”
- “eu acredito que tenho um potencial pra muito mais coisas, mas eu deviria, pra isso, ter estudado”.

2) Conceito a respeito dos pais

Verbalizações:

- “Eu tinha ódio mortal da minha mãe, ela não podia chegar perto de mim. Quanto mai ela vinha branda, pior ficava”.
- “eu vi que este povo não era sério desde nova. Eles não tinham moral, eu sempre percebi isso, nem um, nem outro.”
- “Minha mãe era louca e desequilibrada. (...) era tão desequilibrada que ela pegava água fervendo e jogava nos cachorros.”
- “Minha mãe tinha um amante e por ser criança eu contei lá naquela casa, se eu fosse um adulto não ia falar. Dá pra ver o quanto eles não tinham respeito pela gente.”
- “Graças a Deus meu pai morreu, meu irmão vendeu as terras e me mandou o dinheiro, aí tratei dos meus dentes, foi uma experiência muito ruim pra mim, não o meu pai morrer, claro, mas eu ficar sem dentes.”

Categoria 4 – REFLEXOS NA VIDA ADULTA

Definição: Esta categoria mostra como as experiências da infância e adolescente refletem na vida adulta da entrevistada.

Temas desta categoria

1) Como são as relações interpessoais.

Verbalizações:

-“eu não tinha problemas com colegas na escola, e adorava as professoras, mas tudo quanto era homem eu me apaixonava. Dentista, patrão (...), um homem não podia nem rir pra mim que eu já ficava apaixonada (...), mas era sempre aqueles homens que eu escolhia, não aqueles homens de onde eu trabalhava”.

Quando tinha festa eu ficava lá em baixo, na cozinha igual empregada mesmo. Na festa de quinze anos de Cristina, eu, doida pra subir, pra ver os movimentos... “Não! Você vai ficar aqui, lugar de empregada é na cozinha”.

- “E quanto ao negócio de não ter nada, sempre com roupas velhas, roupas usadas, sapatos grandes e o povo rindo do meu pé. No desfile do dia 07 de setembro todo mundo rindo do meu pé. Meu pai de criação teve coragem de comprar um sapato de homem pra mim, comprar não, porque ele tinha uma sapataria numa galeria lá, que tinha de tudo. Era miséria dele. Eu acho que é aí que eu não dou valor às coisas, pra mim tanto faz, eu jogo fora, dou para os outros, eu não fico presa a isto, não estou nem aí. Eu não ligo, acho que é porque eu não tive, não acostumei ter as coisas”.

2) Vida amorosa

Verbalizações:

-“Quando vim pra Brasília, eu andava só com o povo chique e sem os dentes eu não podia rir. (...) minhas amigas todas chiques indo para os lugares mais chiques que você puder pensar e sem os dentes como é que eu ia fazer?”

-“Me vejo como uma mulher que superei muitos sofrimentos, mas acho que não valeu a pena ter vivido (...) a única coisa que eu digo com toda sinceridade da minha vida, que me prende à vida, tenho até medo de morrer e assim ele ficar, é Lucas. Pela bondade que eu sinto que ele tem no coração dele. (...) Meu grande apego à vida é Lucas, porque eu acho que se eu morrer ele vai ficar muito sofrido, porque eu é que compreendo até as bobagens dele”.

-“Eu acho que o fato de eu não sentir prazer não está relacionado só a hormônios, eu acho fiquei presa assim a algum ódio, ou sei lá o que, tanto que dou graças a Deus quando homens que me usou morrem. (...) eu sinto uma alegria dentro de mim, eu acho que não é nem alegria é como se fosse um alívio, tipo: deste cão eu estou livre”.

- “Aí, esses que já morreram e os outros que morram também de formas trágicas, tipo cortando o pinto, desejo a eles de coração. Nem a PL, nem a Messiânica, nem Jesus Cristo conseguiu tirar isso de dentro de mim. Eu acho que isso veio refletir na minha vida afetiva e sexual também, porque era puramente sexo, né? Não está falando de amor, nem de paixão e nem de nada”.

-“Deus pelo menos teve uma misericórdia, pelo menos colocou Lucas na minha vida”.

3) Trabalho e profissão

Verbalizações:

-“Eu ficava sempre na casa dos outros (...), antes eu ia pra escola, mas sempre cheguei atrasada. Aí depois eu fiquei trabalhando, mas nunca para ganhar dinheiro, por isso é que eu tenho uma péssima referência de trabalho, de emprego”.

-“Quanto a esse negócio de escravidão, vestir aquelas roupas horrorosas, aqueles sapatos, isso mexeu muito comigo e trabalhar e não receber, eu fico assim desejando, no meu íntimo, que os descendentes deles todos morram de fome. Se existir realmente uma espécie da minha alegria, da minha vingança é que eles fiquem todos com fome. Ainda que não vai resolver, porque eu gostaria que eles vissem seus descendentes passar fome e que eles tivessem essa consciência que foi pelo que eles plantaram”.

-“Na verdade eu não nasci para ser empregada doméstica, (...) mas pra isto eu deveria ter estudado, mas não estudei em função de ter sido tão carente”.

4) Revolta e desejo de vingança

Verbalizações:

- “Eu dou graças a Deus quando homens que me usou morrem. (...). Pra mim eu até acho eu todos que me usaram vão morrer de forma trágica, sabe?”.

- “Aí, esses que já morreram e os outros que morram também de formas trágicas, tipo cortando o pinto, desejo a eles de coração”.

- “”acho que não valeu a pena ter vivido. Se tiver uma opção de não voltar nunca mais, bye bye mundo, nunca mais passaria, nem perto.”

- “A única pessoa que graças a Deus eu estou conseguindo deletar da minha cabeça é P e cia, mas D. Elsa e Berta e tenho horror, verdadeiro pânico.”

- “eu fico desejando, no meu íntimo, que os descendentes deles todos morram de fome. Se existir realmente uma espécie de minha alegria, da minha vingança é que eles fiquem todos com fome”.

SUJEITO 02 - ML

Categoria 1 – EXPERIÊNCIAS E SENTIMENTOS VIVIDOS NA INFÂNCIA.

Definição: esta categoria refere-se às experiências e sentimentos vividos pelo sujeito na infância em sua relação com o meio familiar, que contribuíram para a construção do seu valor pessoal.

Temas abordados nesta categoria:

1) Medo e tensão

Verbalizações:

- “a gente vivia em constante tensão”.
- “a gente apanhava por qualquer coisa”.
- “de castigo eu já estava correndo léguas”.

2) Cobrança

Verbalizações:

- “a cobrança era muito grande por eu ser a mais velha”.
- “eu como a mais velha tinha que cuidar para que a minha irmã não fizesse coisas erradas”.
- “meu pai colocou sobre mim essa carga de ser mais velha e que eu teria que dar conta não só de mim como também dos outros”.
- “a missão de tomar conta dos outros meu pai não passou ela em frases claras pra mim, mas eu percebi no não dito, nas atitudes, nas entrelinhas e nas aprovações”.

3) Injustiça

Verbalizações:

- “aquelas coisas que eu sentia e que eu não dava nome, é que eu sentia injustiçada, sentia que apanhava por motivos fúteis.”
- “eu era responsabilizada por coisas que eu não tinha feito.”

4) Amor/desamor

Verbalizações:

- “tudo que ele julgava que a gente fazia de errado devia resolver com surra e eu achava que aquilo ali era o normal”.

- “meu pai tinha carinho de beijar, de dar tapinhas e fazer algumas frases de brincadeiras com a gente, ele fazia isso até uma certa idade, a partir de certa idade em diante ele não mais se referia àquela criança daquele jeito, e principalmente em relação a nós mulheres, talvez com medo do incesto. Na minha concepção ele era muito neurótico”.
- “depois que a gente tinha certa idade meu pai ficava seco, muito seco”.
- “ Se a gente tivesse morado a vida toda perto da minha avó, talvez a minha mãe tivesse perdido toda a significação que depois ela conseguiu comigo”.

5) Desamparo e abandono.

Verbalizações:

- “no início meu pai me levava e buscava na escola, uma vez ele não foi me buscar, eu fiquei esperando e anoiteceu, eu me lembro do pânico que eu senti, mas acabei vindo sozinha pra casa. (...) todo mundo foi embora da escola, professores... é engraçado... ninguém se importava, ninguém se importava”.

Categoria 2 – TIPOS DE REAÇÃO FRENTE A DIFICULDADES

Definição: nesta categoria estão as formas de enfrentamento, de aceitação ou de fuga diante das situações de impasse.

Temas abordados nesta categoria:

1) Enfrentamento

Verbalizações:

- “a última surra que eu levei eu jurei que nem que eu tivesse que me matar eu não apanhava mais, eu tinha uns dez anos, isso foi muito marcante na minha vida”.

2) Aceitação

Verbalizações:

- “durante a infância e parte da adolescência passei sem questionar nada do meu pai, porque ordens de um mais velho eram pra serem cumpridas, não eram pra serem questionadas. (...) é uma das coisas que ajudou a construir nossa baixa auto-estima”.
- “eu não pedia nada, não exigia nada do pai porque eu via que ele ganhava pouco e todo mundo ali vivia com pouco”.
- “não levei alguns castigos, mas também não vivi”.

- “o excesso de moralidade que meu pai exigiu da gente e principalmente de mim por ser a mais velha serviu pra eu não me desencaminhar, nem que não fosse uma decisão minha de agir daquele jeito, mas por medo”.

Categoria 3 – CONCEITO DE SI MESMA E DOS PAIS

Definição: esta categoria mostra a forma como a entrevistada construiu, a partir de suas vivências na infância e adolescência, o autoconceito e o conceito a respeito de seus pais.

Temas abordados nesta categoria:

1) Autoconceito

Verbalizações:

- “Eu custei muito a fazer uma compreensão de mim mesma como pessoa porque eu me compreendia como parte de um grupo. (...) a gente não sabia escolher, como escolher, nem pedir nada”.
- “meus atos tinham que ser atos que eu não desse mau exemplo para os outros”.
- “sou muito responsável, sou muito de agir, de fazer as coisas”.
- “eu era tímida, muito fechadinha, não perguntava nada, não é porque eu não tinha dúvida é porque eu não aprendi a fazer questionamento”.
- “uma vez minha irmã falsificou a assinatura do meu pai pra entrar na Água Mineral, eu jamais faria isto, porque eu acho que ia ficar escrito na minha testa”
- “minha auto-estima não consegue subir assim, de dizer eu estou animada, de achar que eu mereço um namorado”.
- “eu vejo que tem uma âncora, um grillão amarrado na minha perna desde lá da época da infância e adolescência. Eu costumo dizer que entrou na genética da pele”.

2) Conceito a respeito dos pais

Verbalizações:

- “minha mãe não tinha força moral nem ativa (no sentido físico) (...). Meu pai era a figura mais forte dos dois, vamos dizer, intrusiva mesmo em nosso caráter”.
- “De um tempo para cá eu tomei a consciência de que eu havia tomado o lugar de marido e de pai de minha mãe e outras coisas mais”.

Categoria 4 – REFLEXOS NA VIDA ADULTA

Definição: Esta categoria mostra como as experiências da infância e adolescente refletem na vida adulta da entrevistada.

Temas desta categoria

1) Relações interpessoais

Verbalizações:

- “deixei de fazer muitas coisas na infância e isso refletiu na vida até hoje porque se eu não tenho marido há 18 anos, o que eu fiz? Eu fiz foi trabalhar, ia a um cinema aqui ou acolá com minhas colegas ou então viajar, mas aquela viagem assim que elas saem à noite pra ir dançar e eu fico no hotel dormindo (...). Parece que essas coisas não foram feitas pra mim”.
- “tinha certas situações que eu tinha que fazer algum posicionamento como pessoa, pra mim era muito difícil. Até hoje eu tenho essa dificuldade de me colocar diante das situações”.
- “pego meu dinheiro não sei direito aproveitar, me divertir. Eu vou tentando resolver problemas das pessoas da família, numa tentativa de igualá-los, trazer mais um conforto mínimo possível pra não diferenciar muito do meu, pra que minha posição não fique muito distante da deles”.
- “já conquistei alguma diferença e essa diferença me faz mal”.
- “em eventos sociais me sinto muito deslocada (...), parece que sou um peixe fora d’água”.

2) Vida amorosa

Verbalizações:

- “essa falta de carinho e de toque causou em nós, uma dificuldade. Eu não consigo ter carinho com ninguém”.
- “Um homem de más qualificações eu não quero e o bom eu não acho que vá me valorizar, que vá ficar comigo mesmo, que vai me dar o real valor, que eu mereça realmente aquela pessoa, então eu não mexo”.
- “ Eu não tenho competência pra sustentar uma situação de manter uma pessoa, um bom relacionamento pra mim”.
- “É tanto que entrei num casamento sem saber que estava entrando e quando saí endureci muito mais e hoje me vejo quase eu sem opção de retornar algum dia a um outro relacionamento, por medo do que vão falar”.

- “errar eu já tinha errado uma vez, feito um casamento errado, não queria isso de novo, (...). Eu fui criada de um jeito que qualquer repetição de tentativas podia configurar o que se chama hoje de ‘galinhagem’.”

3) Trabalho e profissão

Verbalizações:

- “eu fiz o contrário das outras pessoas que estudaram para conquistar um bom emprego eu me meti na vida trabalhando no que aparecesse “.
- “eu acho que o que aconteceu comigo, pra mim foi uma questão de sorte entre outras coisas. Uma bênção, vamos dizer, pelo poder superior e uma questão de sorte”.
- “no trabalho, minha expectativa era de ganhar pouco mesmo, eu não tinha capacidade para uma outra coisa melhor, (...) aí eu preferi ir pra casa de família”.
- “Agora no final do curso já estou vivenciando aquilo, ai meu Deus, eu vou terminar esse curso, vou voltar pra casa de minha mãe e vou ficar lá na mesma coisa, vou pra lá final de semana e fico vendo aquela vidinha assim, minha com aquela família, vou voltar o que era antes, porque eu acho que não estou acreditando, eu tenho questionado muito isso, eu acho que não estou acreditando na minha capacidade de fazer uma vida diferente, trabalhar profissionalmente naquilo que eu estudei”.
- “É impressionante e isso tem me tirado o sono, porque de repente eu me vejo assim como que, eu estudei, estudei e vou morrer na praia?”
- “não me sinto capaz assim, com a auto-estima suficiente de achar que eu vou conseguir trabalhar nessa profissão”.

SUJEITO 03 - FSM

Categoria 1 – EXPERIÊNCIAS E SENTIMENTOS VIVIDOS NA INFÂNCIA.

Definição: esta categoria refere-se às experiências e sentimentos vividos pelo sujeito na infância em sua relação com o meio familiar, que contribuíram para a construção do seu valor pessoal.

Temas abordados nesta categoria

1) Ameaça, medo e insegurança.

Verbalizações:

- “na minha casa era um inferno, meu pai era alcoólatra e minha mãe doente e assim a escola virou um refúgio para mim”.
- “às vezes minha mãe me acordava de madrugada pra limpar a casa”.
- “eu vivia num contexto de violência doméstica, meu pai era muito agressivo, ele tinha arma e apontava arma pra gente, pra minha mãe”.
- “eu tinha onze anos, minha mãe estava fazendo uma sopa e eles começaram a brigar (...) quando vi, ele lançou um cadeado bem pesado na cabeça dela, começou a jorrar sangue e eu fui pegar a toalha pra estancar o sangue, nisso ela pegou a panela de sopa e jogou nele, ele ficou todo queimado. Eu achei foi pouco, eu falava: coisa boa”.
- “uma vez meu pai colocou a cabeça da minha mãe dentro do vaso e deu descarga e eu vendo isso, eu tinha uns três anos”.

2) Responsabilidades

Verbalizações:

- “Eu tinha uns oito ou nove anos eu tive que assumir a responsabilidade da casa, tive que lavar, passar, cozinhar e arrumar, fazer de tudo, porque minha mãe ou estava trabalhando ou estava doente”.
- “Na época eu tive que ser mãe da minha mãe e mãe do meu pai, ele chegava bêbado, vomitava na sala eu tinha que limpar, ele pedia sopa, eu fazia e tinha que dar na boca de tanto que ele tremia”.
- “eu não tive uma infância de brincar, minha infância era de cuidar do meu pai, da minha mãe e dos meus irmãos”.
- “eu era uma mini adulta, eu era uma criança, mas que tinha responsabilidade de adulto”.

3) Abandono, solidão e vergonha.

Verbalizações:

- “(...) a gente foi criado meio que sozinhos assim, sem apoio de pai e mãe”.
- “nos momentos em que eu mais precisei da minha mãe, do seu apoio, do seu amor, do seu carinho, ela só estava preocupada com o casamento dela, que não dava certo, nas idas e vindas e eu me senti abandonada por ela”.
- “Meu avô era o porto seguro da minha mãe eu não tinha nenhum, às vezes eu sentava na calçada, na porta de casa e ficava lá pensando na minha vida, numa tristeza...”.
- “eu era uma criança que só olhava pra baixo, eu tinha vergonha do mundo. (...), tinha também muita vergonha dos vizinhos, quando meu pai chegava bêbado, eu morria, eu sentia muita vergonha”.

Categoria 2 – FORMAS DE REAGIR DIANTE DE CIRCUNSTÂNCIAS INDESEJÁVEIS.

Definição: nesta categoria estão as atitudes de enfrentamento, de aceitação ou de fuga diante das situações de impasse.

Temas abordados nesta categoria:

1) Enfrentamento

Verbalizações:

- “Eu enfrentava meu pai, quando eu era adolescente eu xinguei ele e ele me deu uma pesada”.
- “Às vezes quando meu pai pegava arma pra matar minha mãe, eu entrava na frente dela e falava: pode atirar, vamos fazer a fila aqui, eu vou ser a primeira (...) eu enfrentava muito ele e ele tinha ódio mortal de mim, enquanto os meninos ficavam calados vendo minha mãe apanhar, eu enfrentava ele, até cabo de vassoura eu já peguei pra acertar na cabeça dele”.

2) Aceitação

Verbalizações:

- “Quando criança o sentimento que eu tinha de cuidar desta família desestruturada era a de uma missão que Deus tinha colocado pra mim e que eu tinha que ajudar meus irmãos, senão todo mundo ia pirar naquela casa”.

- “Na época em que eu era criança eu não podia fazer nada, tinha que obedecer e fazer o que eles mandavam”.

3) Fuga

Verbalizações:

- “Quando eu entrei na adolescência fui ficando revoltada de ter aqueles dois como meus pais, porque eu achava que foram inversos os papéis, ao invés deles cuidarem de mim quando criança eu é que cuidava deles”.

- “Eu era muito calada, às vezes eu pegava um retalho, um pedacinho de pano, achava uns botões e ficava pregando botões no paninho. Era uma forma de distrair pra parar de pensar na minha vida”.

- “Lá em casa o único refúgio que eu encontrava era a comida e acabava comendo demais (...) mas, com onze anos eu emagreci e já estava um palito”.

Categoria 3 – CONCEITO DE SI MESMA E DOS PAIS

Definição: esta categoria mostra a forma como a entrevistada construiu, a partir de suas vivências na infância e adolescência, o autoconceito e o conceito a respeito de seus pais.

Temas abordados nesta categoria:

1) Autoconceito

Verbalizações:

- “Quando minha mãe ficou grávida de mim, meu irmão estava com três meses e aí eu fui rejeitada. Ela não me queria, porque viu a merda que ela tinha feito (casamento)”.

- “A relação com meus irmãos era difícil porque eu era um pouco gordinha”

“Eu sempre fui muito calada, muito tímida e sempre me senti muito carente, ”

2) Conceito a respeito dos pais

Verbalizações:

- “Meus pais estavam voltados para a doença deles, ela tinha necessidade do alcoolismo dele e ele tinha necessidade da co-dependência dela e de maltratar ela”.

- “Minha mãe era meio maníaca, coisas de mania de limpeza”.

- “Eu tinha uma esperança que meu fosse morrer e aquilo tudo ia acabar. Eu torcia muito pra ele morrer, (...) eu pensava: isto não é um pai, é um monstro”.

- “Meu pai era muito agressivo, violento mesmo”.
- “eu não conseguia entender como uma criatura pode ter sido tão relapsa de deixar os filhos soltos assim, sendo criados sozinhos...”

Categoria 4 – REFLEXOS NA VIDA ADULTA

Definição: Esta categoria mostra como as experiências da infância e adolescência, refletem na vida adulta da entrevistada.

Temas desta categoria

1) Vida amorosa

Verbalizações:

- “Faz falta ter um companheiro que me dê o amor um pouquinho maior do que, talvez, para uma pessoa normal seja o necessário, um pouquinho mais de amor, talvez para suprir aquela falta da infância”.
- “a carência afetiva de pai e mãe reflete nos meus relacionamentos amorosos hoje, porque eu sempre estou querendo mais do outro”.
- “no momento estou passando pelo divórcio, é a concretização do fim, fiquei muito triste mesmo, ele vai se casar com a tal que fez com ele saísse de casa pra ficar com ela, como se diz, ele fez uma troca, preferiu a ela do que a mim”.
- “(...) isso dá muita raiva, fico pensando assim: poxa eu tinha um casamento, ele era legal, não era assim muito amoroso, não tinha muito tempo, mas era um bom pai pro meu filho, eu tinha uma família, agora não tenho mais família, sou eu com meu filho”.

4 – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Pretendeu-se com este trabalho verificar como o sentimento de menos valia, construído a partir de experiências na infância e na adolescência em contextos familiares e sociais, cerceia a liberdade básica de expressão pessoal, criando condições pouco favoráveis a um desenvolvimento saudável do indivíduo, e contribuindo para o surgimento de sintomas neuróticos.

A pesquisa que está subsidiando este trabalho buscou mapear a relação entre a história de vida de três sujeitos, a partir de suas lembranças das experiências vividas junto aos seus cuidadores, dentro do ambiente familiar e social, de modo a possibilitar o acesso às emoções, aos sentimentos, aos medos, aos impasses e assim traçar o caminho quase linear para compreender como se dá o processo de instalação do sentimento de menos valia ou de baixa auto-estima e sua contribuição para a emergência da neurose.

Como a Gestalt Terapia enfatiza, a baixa auto-estima, uma das características básicas da neurose, está alicerçada nas experiências vividas pela criança e que lhe foram intoleráveis, mas que ela, devido à sua impotência não conseguiu enfrentar, se vendo obrigada a introjetar tais experiências, que permanecem dentro dela, impedindo seu fluxo normal de desenvolvimento.

Os sujeitos pesquisados revelaram, nas entrevistas, que viveram a infância e a adolescência em um ambiente familiar ameaçador, gerador de tensão e medo. MEF relata que seu ambiente familiar “era um verdadeiro inferno”, com um pai extremamente violento para com a mãe e esta, por sua vez, violenta com os filhos. ML, outra entrevistada, conta que apanhava do pai “por qualquer coisa”, o pai era a figura forte enquanto a mãe era uma mulher “sem forças moral e física”. Já FS experienciou, mesmo antes do nascimento, as influências desastrosas do relacionamento doentio dos pais. Seu pai sempre foi alcoolista e violento e a mãe era codependente e com problemas de depressão.

As ameaças do ambiente vividas por ML não foram tão patentes como nos casos de MEF e FS, porém não menos danoso, pois a forma como ela significou suas experiências, naquela fase de fragilidade e impotência aparece hoje em um arraigado sentimento de menos valia, dificultando suas interações em todos os aspectos da sua vida, assim ela expressa: “eu vejo um grilhão na minha perna desde lá da época da infância e adolescência. Eu costumo dizer que entrou na genética da pele”.

Pelas narrativas apresentadas nas entrevistas, vê-se que o ambiente familiar em que os três sujeitos viveram a fase de maior dependência da criança, não ofereceu a elas as

condições mínimas de segurança e apoio, pois os três mencionaram semelhantes experiências desagradáveis que foram introjetadas, contribuindo para o desenvolvimento do sentimento de desvalia, de acordo com a significação que cada um atribuiu às experiências vividas.

Conforme visto anteriormente, as teorias mostram como a criança depende da proteção dos adultos para orientá-la adequadamente para que ela possa descobrir seus limites, devendo também ser concedido a ela o tempo necessário ao seu desenvolvimento integral. No caso das entrevistadas isso não aconteceu. ML fala: “meu pai colocou sobre mim essa carga de ser mais velha e que eu teria que dar conta não só de mim como também dos outros”, esses outros inicialmente foram seus irmãos e depois ela se encarregou de juntar a eles sua própria mãe, assumindo o papel de mãe e marido dela, conforme expressão da própria entrevistada.

MEF, aos onze anos de idade se viu forçada a trabalhar na casa de uma família, para quem seu pai a “doou”. FS, a entrevistada nº 3, se viu na situação de mãe da sua mãe e mãe de seus irmãos ela diz: “eu não tive uma infância de brincar, minha infância era cuidar do meu pai, da minha mãe e dos meus irmãos”. FS usa também o termo responsabilidade, para descrever a sua experiência de assumir funções que seriam dos adultos, “eu tinha uns oito ou nove anos e tive que assumir as responsabilidades da casa, tive que lavar, passar, cozinhar e arrumar, fazer de tudo, porque minha mãe ou estava trabalhando ou estava doente”.

Verifica-se que todos os sujeitos partem para a vida adulta com um espaço vazio dentro de si, com uma falta, uma carência, que as impedem de se sentirem plenos e confiantes em si. Este é mais um fator que arrasta para baixo o valor que cada uma das entrevistadas se atribui.

De acordo com alguns pressupostos teóricos presentes neste trabalho, a construção do auto-valor está também na dependência do modo como a criança se percebe amada e respeitada pelos adultos. Se ela intui ou sente que está sendo rejeitada ou deixada de lado, não tem como se amar e se respeitar, ou seja, o referencial que terá de si é o de não valer nada, de não ser ninguém, não podendo, portanto, desenvolver sentimentos positivos a respeito si mesma. Conforme relato de MEF, parece que, quando criança, a única forma de amor que percebeu vinda dos pais foi uma surra que levou do pai. Ela conta que a sua mãe nunca a abraçou, se abraçou não lembra. Do pai, só lembra dele ter lhe dado uma grande surra, mas foi uma surra mais com amor, tanto que não ficou marca (emocional).

MEF fala do desamparo de não ter um lar, de suas observações ela conclui que, geralmente, os filhos ficam com os pais, mesmo o lar sendo pobre eles ficam com os pais, mas ela ficava nas casas dos outros. Ela diz: “eu ficava de del em del lá pela cidade. (...) aos onze anos eu fui entregue a família do tal de P, pra ser escrava lá, eu era uma criança, né?”.

MEF chama desamor de amor, dizendo que o amor de sua mãe era um amor esquisito, “aquele amor que quem ama não mata..., mas ela matava. Amava e matava, pois só de falar que ia por veneno no pote pra gente ficar alucinada, então já era uma forma de matar as pessoas”.

O sujeito nº 2 (ML), lembra que o pai tinha carinho de beijar, de dar tapinhas e fazer algumas brincadeiras até certa idade, depois interrompia o contato, “depois que a gente tinha certa idade meu pai ficava seco, muito seco”, depois da fase do carinho veio a fase da injustiça: “aquelas coisas que eu sentia e que eu não dava nome, é que eu sentia injustiça, sentia que apanhava por motivos fúteis”.

A falta de amor e de apoio na vida de FS ocorreu desde o nascimento conforme ela relata: “a gente foi criado meio que sozinhos assim, sem apoio de pai e mãe”. O sentimento de abandono, de não valer nada para seus pais é descrito assim: “nos momentos em que eu mais precisei da minha mãe, do seu apoio, do seu amor, do seu carinho, ela só estava preocupada com o casamento dela que não dava certo, nas idas e vindas e eu me senti abandonada por ela”. A solidão chegou cedo e convivia junto com a vergonha, ela diz: “eu era uma criança que só olhava pra baixo, eu tinha vergonha do mundo,(...) às vezes eu ficava sentada na calçada, na porta de casa e ficava lá pensando na minha vida, numa tristeza...”.

As três entrevistadas vivenciaram, cada uma a seu modo, situações que foram sentidas por todas como desamor, desrespeito, injustiça, abandono e solidão, fatores que influenciaram negativamente na constituição dos sentimentos que cada um desenvolveu a respeito de si. A percepção de cada uma do não ter sido amada e respeitada, gerou a idéia de terem pouco ou nenhum valor como pessoa e a auto-confiança das três ficou contaminada.

Todas as teorias que fundamentam esta pesquisa mostram algum tipo de reação da criança para tentar escapar ao sofrimento advindo das vivências indesejáveis e incompatíveis com seu verdadeiro eu. Estas formas podem ser de aceitação, enfrentamento ou fuga. A Gestalt Terapia fala que a pessoa saudável não desenvolve a neurose, porque utiliza a agressividade, que é morder, mastigar para facilitar o fluxo normal da auto-regulação orgânica.

Essa dinâmica se faz necessária sempre que esta pessoa se encontra frente a situações que são incompatíveis com as suas necessidades ou que estejam acima de suas possibilidades. A fuga, submissão, aceitação passiva das ordens e das mensagens vindas dos pais, sem contestação, sem questionamentos, é um tipo de introjeção, que por sua vez, gera conflito, porque a pessoa passa a ter dentro dela aspectos que ela de fato não aceitou, passando a não se aceitar também.

O sujeito nº 1 (MEF), fala como fazia para não apanhar injustamente: “Aí, eu bobinha, falava que era eu: então foi eu, pra não apanhar, mas aí é que eu apanhava, por ter mentido. (...) eu não tinha saída, era um verdadeiro inferno”. Além de apanhar, as crianças daquela casa não podiam chorar. “Ai da gente que chorasse!”, diz MEF. Também não podia aceitar nada quando fossem às casas dos outros, nem mesmo água, “Se tiver com sede, nem água”, dizia a mãe.

A obediência era um valor incontestável para o pai de ML (segunda entrevistada), assim durante toda a sua infância e adolescência acatou tudo que vinha do pai sem questionar nada, o que logo depois introjetado por ela como “ordens de um mais velho eram pra serem cumpridas, não pra serem questionadas”, fator que na sua opinião, contribuiu para a baixa auto-estima e também para a pouca autonomia que os filhos apresentam hoje. ML se tornou uma pessoa bastante compreensiva: “eu não pedia nada, não exigia nada do pai porque eu via que ele ganhava pouco e todo mundo ali vivia com pouco”; “não levei castigos, mas também não vivi”. Aprendeu a justificar as atitudes do pai e a ver nelas a positividade do encaminhamento correto na vida: “o excesso de moralidade que meu pai exigiu da gente e principalmente de mim, por ser a mais velha, serviu pra eu não me desencaminhar, nem que não fosse uma decisão minha de agir daquele jeito, mas medo”.

FS, a terceira entrevistada, mostra claramente não ter tido condições de escapar das situações indesejáveis, aceitando as coisas como uma missão de Deus. Ela fala: “quando criança o sentimento que eu tinha de cuidar desta família desestruturada era a de uma missão que Deus tinha colocado pra mim e que eu tinha que ajudar meus irmãos, senão todo mundo ia pirar naquela casa”. Dentro daquele contexto tão desestruturado, ela compreendeu que não lhe restava nada a fazer a não ser obedecer: “na época em que eu era criança e não podia fazer nada, tinha que obedecer e fazer o que eles mandavam”.

Observa-se que os três sujeitos tiveram que aceitar as imposições vindas dos pais, por se sentirem impotentes diante das situações impostas por elas, tendo introjetado essas coisas vindas deles e as assumindo como pertencentes a eles. Esses introjetos são considerados tóxicos por serem incompatíveis com as necessidades naturais das entrevistadas e que, inconscientemente, elas rejeitam. Essa é uma situação conflituosa com as quais elas foram obrigadas a conviver e que, prejudicaram seu adequado desenvolvimento e as suas interações com o meio.

Conforme foi visto anteriormente na Gestalt Terapia, se a criança tem oportunidade de expressar sua agressividade através do ato de morder, pelo uso adequado dos primeiros dentes, ela desenvolve tanto a capacidade de ter o controle sobre a sua vida como a de

enfrentar os obstáculos que essa vida lhe apresenta. O momento do primeiro enfrentamento ocorreu com as entrevistadas ainda bem crianças.

O sujeito nº 01 (MEF) diz que, quando criança, sua mãe não podia com ela, ela fala que sua mãe lhe fazia umas tranças em seu cabelo e cada vez ela que fazia, MEF destrançava, para dobrá-la e fazê-la obedecer, a mãe quase a matava de bater, mas mesmo assim ela continuava a destrançar o cabelo. Ela relata: “ela não podia comigo quando criança”. O nome de MEF, do qual ela nunca gostou, foi outro confronto, ela conta que dizia pra sua mãe: “Você quer que eu goste do meu nome sem gostar? Então me faz gostar, porque eu não gosto. Até isso eu tenho que mentir? Ou deixasse eu morrer, porque vocês já mataram a gente pelas metades, porque vocês não acabam de matar?”. Neste caso, MEF contra-argumentava a justificativa da mãe que lhe deu um nome tão feio porque ela estava morrendo e foi o nome que lhe ocorreu na hora pelo medo da filha morrer pagã.

O sujeito nº 2 (ML), aos dez anos jurou para si mesma que se mataria, caso seu pai a surrasse outra vez, ela não relata que tenha falado este propósito para ele, mas o fato não mais ocorreu: “a última surra que eu levei, eu jurei que, nem que eu tivesse que me matar, eu não apanhava mais, eu tinha uns dez anos, isso foi muito marcante na minha vida”.

O sujeito nº 3 (FS), foi quem, entre as três, enfrentou com mais veemência as situações de violência e agressividade do pai, ela conta: “eu enfrentava meu pai, quando eu era adolescente, eu xinguei ele e ele me deu uma pesada”; “até cabo de vassoura eu já acertei na cabeça dele (...), quando acontecia as brigas lá em casa eu entrava no meio e enfrentava ele. Às vezes, quando ele pegava arma pra matar minha mãe, eu entrava na frente dele e falava: pode atirar, vamos fazer a fila aqui, eu vou ser a primeira, eu era de peitar mesmo”.

A aceitação do sofrimento por parte das entrevistadas, aconteceu realmente na fase de maior dependência, pois assim que se sentiram com força, começaram a reagir aos maus tratos e à situações de violência em suas vidas, forçando seus pais a dar um basta na escalada de violência, dessa forma passaram a conviver com uma violência em um nível menos destrutivo e pelo menos FS e ML conseguiram se fazer respeitar no que se refere ao aspecto físico da violência.

A fuga corresponde também a um outro tipo de estratégia, usado pela criança, para não bater de frente com as pessoas, que a impedem de ter suas necessidades satisfeitas no meio, evitando assim as ameaças de ser rejeitada e se livrando do sofrimento causado por situações frustrantes. Utilizando-se dos conceitos da Gestalt Terapia, esta atitude da criança representa mais um dos arranjos criativos que ela faz, para continuar sobrevivendo, em um meio desestruturante, da forma mais digna e saudável possível. Geralmente quando a criança

toma essa atitude ela já tem dentro dela os introjetos tóxicos, resultantes da introjeção de situações intoleráveis e inevitáveis do seu contexto familiar e diante de qualquer situação ameaçadora ela tenta escapar, pela evitação ou fuga, para não se submeter mais aos maus tratos.

FS descreve suas escapadas que consistiam em procurar botões que pregava em pedacinhos de pano, e, enquanto fazia isso não pensava em sua vida: “eu era muito calada, às vezes eu pegava um retalho, um pedacinho de pano, achava uns botões e ficava pregando botões no paninho. Era uma forma de distrair e parar de pensar na minha vida”. Vê-se que até para se distrair ela o fazia de forma diferente das crianças de sua idade. Outra fuga de FS foi a comida. Ela diz “como eu sofria muito lá em casa, o outro refúgio que eu encontrava era comida, eu acabava comendo demais e fiquei meio gorda”. Essa situação criou outro tipo de dissabor para FS que passou a sofrer a discriminação por parte dos colegas que a chamavam de “sua gorda, baleia”, por isso resolveu parar de usar a comida como refúgio, tornando-se “um palito” logo depois. A criança, no mundo atual, está sob a pressão da possibilidade de ser rejeitada por sair dos parâmetros de aparência que são impostos pela sociedade e FS se esforçou para se adequar a eles. Provavelmente pressentiu que, a soma da pressão do sofrimento em casa com a do mundo externo, seriam totalmente desastrosas em sua vida, por fugirem à sua capacidade de enfrentamento.

ML, por sua vez, se amoldou às vontades do pai, seu propósito de não mais apanhar foi realizado e tudo o mais que vinha de seu pai era justificado por ela e fielmente acatado, assim ela não descreve o anular-se em prol dos irmãos como uma fuga para não se contrapor ao pai, mas sim como uma responsabilidade natural que seu pai lhe conferiu por ser a mais velha. ML diz que se perdeu nesse processo, mas foi a forma que encontrou para garantir a sua sobrevivência e o pertencimento àquele grupo.

MEF construiu seu mundo à parte na despensa de sua casa e às vezes atrás das portas. Na despensa, ela comia rapadura até passar mal e atrás das portas ela ficava em silêncio e por isso ninguém a achava. Nestes momentos, ela estava a salvo das “surras à toa”, das brigas entre seus pais e se refazia para poder continuar sua vida de criança, filha de pais que “viviam brigando, na catrevagem”, filha de uma mãe que era uma “louca, uma desequilibrada”.

Como foi visto nos teóricos e nos relatos das entrevistadas, o ambiente severamente ameaçador impossibilita o desenvolvimento do potencial da criança, sem saída que a tire dos impasses, ela encontra nas pequenas fugas que organiza, por exemplo, um meio para refazer suas forças e continuar se ajustando da forma que lhe parece mais cabível. Cada sujeito

entrevistado ajustou-se ao ambiente e aos seus cuidadores alternando atitudes de aceitação, de fuga e de enfrentamento. Observou-se que à medida que foram crescendo, perceberam que tinham força para colocar algum limite ao desatino dos pais. FS desafiou o pai de forma radical, exigindo que ele parasse de ameaçá-los e fizesse logo o que dizia que ia fazer (matá-los). MEF não temia sua mãe e mostrou a ela sua coragem em manter seu cabelo destrançado, que é como ela o queria. ML propôs-se a morrer para não mais apanhar. Estas atitudes delimitaram o espaço de cada uma e conquistaram um mínimo de respeito que até então lhes tinha sido negado. O sentimento de menos valia que hoje apresentam, provavelmente, é bem menor do que poderia ser se não tivessem usado de suas forças que estavam sendo amordaçadas pelo medo imposto pelos seus cuidadores.

A importância ou valor que a pessoa dá a si, o seu auto-conceito, depende do modo como ela e seus comportamentos são aceitos pelo meio. As diversas teorias abordadas mostram que o autoconceito é decorrente do sistema de relações interpessoais e se a criança é constantemente desqualificada, ela internaliza a desqualificação e passa a se ver de acordo com essa imagem internalizada. A desqualificação é descrita como uma forma de invalidar a presença do outro, e a criança introjeta a idéia, porque, quando se é muito pequeno não há como discriminar entre o que é próprio e o que é do outro, assim ela acredita que tudo aquilo que o outro fala que ela é, corresponde à verdade sobre ela. As desqualificações tornam-se, então, os principais elementos dos quais dispõe para construir seu autoconceito.

O sujeito nº 01 conta que ouviu tarde demais o elogio de seu pai de que era uma pessoa harmoniosa, ele só foi dizer isto a ela quando estava morrendo, depois dela já ter formado sobre si o pior dos conceitos, ela diz: “na minha casa, gente, vassoura e rodo é tudo a mesma coisa, vassoura e rodo têm até mais serventia, mais valor e mais beleza”. Parece que as únicas lembranças que MEF tem de ter recebido algum tipo de elogio na infância, foi por parte do pai, que dizia que ela tinha as pernas bonitas e depois, quando estava morrendo, que ela era uma pessoa harmoniosa. Ela comenta: “as últimas palavras do meu pai para comigo era que eu era uma pessoa muito harmoniosa. Pena que ele descobriu isso morrendo, né?”, ela conclui sobre si mesma: “só tem coisa ruim e louca”.

O sujeito nº 2 teve muita dificuldade em ter uma compreensão dela própria como pessoa. Ela conta que só se compreendia como parte de um grupo, era uma pessoa sem autonomia e sem vontade própria. A pessoa mais significativa na infância dela foi o pai, com o qual se identificou ao ponto de hoje ela mesma dizer que de “tanto imitar e buscar em minhas atitudes a aprovação de meu pai e de todo mundo, eu acho que entrei naquela história da rigidez da linha do trem”. É a própria entrevistada que fala do peso que carrega por não ter

sido valorizada como um ser único e dotado de potencialidades para seu natural desenvolvimento, ela conclui que o seu desenvolvimento ficou preso em um grilhão amarrado em sua perna desde a época da infância e adolescência. Ela reforça seu pensamento, dizendo que parece que é algo que já está integrado à genética dela.

A entrevistada nº 3 se diz tímida e carente. Ela conta que sempre foi muito calada. Um outro fator importante que muito influenciou o auto-conceito desta entrevistada foi o fato de ter sido rejeitada pela mãe. Ela descreve: “quando minha mãe ficou grávida de mim, meu irmão estava com três meses e aí eu fui rejeitada. Ela não me queria porque viu a merda que tinha feito”.

Observa-se, pelas narrativas dos sujeitos, que a relação que seus pais tiveram com elas na infância foi carregada de desafeto, desqualificações e ameaças. Essas constantes desqualificações transmitidas de forma direta ou indireta pelos pais, contribuíram significativamente para a formação de um auto-conceito negativo, deixando-as impotentes e com auto-confiança insuficiente para fazer frente às dificuldades do dia a dia na convivência com o meio, criando assim condições bem propícias para a instalação da neurose.

As pessoas que mais contribuíram para o desenvolvimento do sentimento de menos valia não ficam fora da avaliação e desaprovação feita pela criança que é sofrida e desqualificada por elas. A desvalia, como já foi abordada antes, tem suas raízes na fase em que a criança está mais sujeita às imposições dos pais, mas ela tem noção de tudo que se passa com ela; percebe que está sendo tratada de forma injusta e abusiva, sente raiva e sabe também que não pode reagir, que não pode descarregar a raiva contra seu agressor e, assim, ela se vê obrigada a conter sua raiva e isso, nos termos da Gestalt Terapia, são situações inacabadas que ficam no fundo, mas que sempre buscam se tornar figuras para serem resolvidas.

As entrevistas parecem ter sido um estímulo para que esse fundo se tornasse figura para os três sujeitos da pesquisa que hoje, conseguem exprimir, verbalmente, a raiva que sentiram dos pais em função do tratamento injusto que receberam: MEF considera que nenhum de seus pais tinha moral e respeito pelos filhos. Ela conta passou a ter ódio mortal da mãe e rejeitava veementemente sua aproximação: “quanto mais ela vinha branda, pior ficava”. MEF deu graças a Deus, quando o pai morreu, pois assim o irmão pode vender as terras e dar o dinheiro para ela tratar dos dentes: “foi uma experiência muito ruim pra mim, não meu pai morrer, claro, mas eu ficar sem dentes”.

FS torceu muitas vezes para que o pai “monstro” morresse: “Eu tinha uma esperança que meu pai fosse morrer e aquilo tudo ia acabar. Eu torcia muito pra ele morrer, (...) eu pensava: “isto não é um pai, é um monstro”.

ML teve um conceito diferente das anteriores a respeito de seus pais. A participação da mãe na sua educação parece não ter existido sua, dando impressão de que sua função na família parece ter sido apenas de parir os filhos, porque ela não a menciona. O pai representou tudo pra ela e cegamente seguia todos seus passos, ao ponto de se sentir exatamente como ele, dizendo ter copiado o modelo dele “às vezes eu me pego até com os gestos dele”. A raiva que sentiu do pai foi completamente “sublimada”, deixando-a, ainda mais, sem noção dos seus reais sentimentos e também de saber quem de fato ela é. Ela não consegue expressar sentimentos de revolta com o pai, mas considera que ele foi “intrusivo” na formação de seu caráter. A falta de oportunidade de expressar a raiva sentida contra seus cuidadores desamorosos continua infligindo sofrimento nas entrevistadas e impedindo um contato pleno com o verdadeiro eu de cada uma e também com o outro.

Para a Gestalt Terapia, o conceito de contato e de fronteira de contato descrevem como as pessoas se relacionam consigo mesmas, com o ambiente e com as pessoas em geral. O medo de se aproximar, a falta de confiança em si e no outro, o medo de ser ferido outra vez levam ao estreitamento da fronteira de contato e revelam as dificuldades próprias do comportamento neurótico, se evidenciando através do uso de mecanismos de defesa, que é a própria interrupção dos contatos.

As teorias falam a respeito da importância das experiências de desqualificação no desenvolvimento do sentimento de mentos valia e apontam também seus reflexos na vida adulta.

Os reflexos da baixa auto-estima na vida adulta se estendem por todos os aspectos da vida das entrevistadas, mostrando seus efeitos limitadores. Os efeitos mais relevantes se concentram no campo dos relacionamentos amorosos e nas relações interpessoais. No campo do trabalho, é MEF quem mais se ressent de desses reflexos, ela ressalta que tem consciência de seu grande potencial não desenvolvido. Faltou-lhe orientação e assistência, sua vida de “menina dada para os outros” encaminhou-a apenas para o serviço doméstico, que continua sendo hoje seu meio de sobrevivência. Seu gosto pelos estudos não foi levado em conta pelos pais-patrões e hoje ela destila raiva por eles e pela sua condição de trabalho, que a coloca numa posição inferior e, em função da idade, sem possibilidades palpáveis de mudança.

Mesmo como empregada doméstica, MEF conseguiu ser aceita por pessoas da “alta sociedade”, ela diz: “eu só andava com o povo chique, indo para os lugares mais chiques”, ela vivia duas situações distintas, com seus amigos chiques, indo a lugares requintados e na casa em que trabalhava não pode ficar no salão da festa de 15 anos de sua “irmã”, voltando à

inferioridade e à raiva de ser filha da “boca pra fora”, à situação de “não ser nem criada (adotada), nem empregada”.

Nas relações interpessoais, o sentimento de menos valia leva MEF a ter raiva das pessoas, porque se sente “usada” por elas, estas querem só o seu serviço, a comida boa feita por ela; frequentemente se desentende e depois volta atrás, se submete, realimentando a baixa auto-estima por se ver a mercê da boa vontade dos outros em continuar lhe dando oportunidade de trabalhar.

MEF não se vê como dona de sua vida, não a valoriza e só continua vivendo por Lucas, assim, ela declara que a sua vida é Lucas, seu parceiro. “Meu grande apego à vida é Lucas” e “digo com toda sinceridade, o que me prende à vida é Lucas”. Sua vida não tem valor e não tem sentido sem esse outro e senão fosse ele, MEF não ia querer viver. Lucas tornou-se responsável por preencher os vazios deixados pelo desamor na vida de MEF, ela não mais confia em si com guardiã de sua vida e já não sabe como caminhar se não tiver Lucas conduzindo-a pela mão.

FS tem uma visão positiva de si, ao se referir à sua desenvoltura no contexto social. Em seu caso não dá para extrair que forma de racionalização ou quem a influenciou, para dar o salto de criança isolada, calada e vergonhosa para mulher que “tira de letra” os eventos sociais. Ela se diz uma pessoa comunicativa no campo social, a que “puxa assunto com todo mundo”. No entanto, o seu traquejo social não a acompanha em sua vida de estudante, no decorrer do seu convívio no meio acadêmico, sua tendência é de interagir apenas com um grupo reduzido de colegas, mantendo a atitude de menina caladinha, tímida, perdida em seus pensamentos.

O sentimento de baixa auto-estima tem em suas raízes o anseio por afeto e consideração não atendido. FS mostra, em suas falas, o quanto este anseio pode ser grande: “a carência afetiva de pai e mãe reflete nos meus relacionamentos amorosos hoje, porque eu sempre estou querendo mais do outro”. Sente falta do amor de um companheiro e ressalta que sabe que quer do outro um pouco mais do que seria satisfatório para uma pessoa normal. Nos estudos sobre os efeitos da desvalia no contexto amoroso, esse “pouquinho a mais” na verdade é imensurável e significa algo impossível para o outro, que não consegue encher o saco sem fundos de uma carência enraizada.

O fim do casamento de FS fez vir à tona a grande dor de não poder usufruir de uma família de verdade, mesmo não sendo o parceiro que sonhou para si, este casamento e a família, que dele se formou, era a sua tábua de salvação. A entrevistada dá a dimensão se sua perda: “meu ex-marido não era assim muito amoroso, não tinha tempo, mas era bom pai pro

meu filho, eu tinha uma família, agora não tenho mais família, sou eu com meu filho”. Ela sentiu o casamento como a oportunidade de acabar com a sua dor, de ter enfim um “porto-seguro” para ancorar e viver em paz o amor que sempre lhe faltou.

O sentimento de menos valia pode também bloquear a pessoa, impedindo-a de estabelecer laços amorosos. ML diz que errou uma vez ao fazer um casamento errado e como foi criada de forma a inibir a possibilidade de acertar com base nas tentativas e erros, mantém-se sem vida afetiva-sexual há 18 anos, purgando seu erro por um lado e por outro, reafirmando a sua “incompetência de manter uma pessoa” um bom relacionamento para ela. Além disso, o que vão falar se ela entrar em um novo relacionamento? Ela resume: “uma coisa que foi total em minha vida foi o medo de errar, medo do julgamento”. Durante todo esse tempo esteve empenhada em suprir o grupo familiar em todos os aspectos em que eles queiram se colocar como necessitados.

O grupo familiar é o contexto social em que ML se sente “existindo” de fato, fora dele o sentimento de inadequação toma conta, ela diz que parece que as coisas sociais não foram feitas para ela, assim “em eventos sociais me sinto muito deslocada... parece que sou um peixe fora d’água”. O “ser peixe fora d’água” dimensiona o sofrimento de ML, quando se aventura além do seu grupo familiar, na faculdade teve duas ou três amigas mais próximas com quem pode se abrir e conversar, nas raríssimas festas em que vai, ela não se diverte, apenas busca a primeira oportunidade para escapar daquelas pessoas tão conhecidas mas, paradoxalmente, tão estranhas.

O trabalho foi, na vida de ML, o que lhe permitiu ter uma parte de seu tempo voltado para a convivência com outras pessoas. Mesmo assim travou amizade com poucas colegas e sempre usou o seu dinheiro para reduzir a diferença econômica entre ela e as outras pessoas de sua família, ela conta como isso aconteceu e continua acontecendo: “pego meu dinheiro não sei direito aproveitar, me divertir. Eu vou tentando resolver problemas das pessoas da família, numa tentativa de igualá-los, trazer mais um conforto mínimo possível pra não diferenciar muito do meu, pra que minha posição não fique muito distante da deles”.

O sentimento de menos valia pode ter textura, densidade, forma e até temperatura para quem o vivencia. ML diz que quando seu sentimento de baixa auto-estima começa se levantar “um pouquinho, eu já começo a sentir aquela sensação de estar bêbada, de não estar no meu normal... quando eu sinto este estágio, eu trato de pisar no chão rapidinho porque sei que não é uma coisa duradoura e que me deixa tonta e insegura”.

Pelo relato da entrevistada, reafirma-se que o sentimento de menos valia abafa os verdadeiros sentimentos da pessoa, enchendo-a de medo e imobilizando-a perante a

permanente ameaça de um mundo destruidor. ML mostra que uma pequena elevação de sua baixa auto-estima a deixa tonta e insegura, o medo de ser destruída é tão grande que busca segurança onde ela sempre esteve: “o que eu conheço de mim, que é um terreno seguro que eu consigo pisar é esse médio, essa aguinha morna, esse morninho”. A fala de ML deixa à mostra a limitação que o sentimento de inferioridade impõe às pessoas. Confinadas em um mundo bem demarcado pela falta de confiança plantada muito cedo em suas vidas, as entrevistadas cumprem as ordens de seus senhores, que, independentemente de estarem presentes ou ausentes, lembram a elas todos os dias por onde têm que seguir para continuarem vivendo.

As características dos comportamentos das entrevistadas mostram que todas elas enfrentam grandes dificuldades no contato com elas próprias e com o meio, em razão da menos valia instalada na infância e adolescência, da conseqüente falta de confiança e da sensação de fracasso diante da vida, gerando ansiedade, sofrimento e depressão. A evitação do contato é uma outra situação criada por elas para fugir ao sofrimento, fazendo com que apresentem atitudes e comportamentos repetitivos e improdutivos, num círculo vicioso, característico dos sintomas neuróticos.

ML desenvolveu uma estrutura rígida, que ela mesma define como a rigidez da linha do trem, por ter introjetado tanta coisa pertencente ao pai e de tanto imitá-lo chegou próximo à neurose e que qualquer desequilíbrio se tornaria uma neurose mesmo. As conquistas para a sobrevivência, se deram às custas de muito sofrimento e de sua completa anulação, passando assim a conviver permanentemente com incontáveis situações inacabadas, conflituosas, que a impedem de se sentir merecedora das coisas mais básicas para seu bem estar. A vida de MEF parece ser um grande ponto de interrogação, ela continua querendo saber como as pessoas podem ser daquele jeito, referindo-se aos pais que nunca conseguiram mostrar a ela se a amavam ou a odiavam.

O afastar-se medroso e o aproximar-se inseguro são as características mais marcantes da dinâmica dos seus relacionamentos. A necessidade de amor, de reconhecimento deixou um grande vazio dentro delas e a busca por entenderem o que se passa a seu redor e dentro de si mesmas esbarra sempre no fantasma do outro internalizado e na grande barreira da percepção distorcida de si e do mundo, que as impede de fazer o contato que realmente importa, o resgatando o potencial de cada uma, que foi soterrado por suas vivências desestruturadoras, mas que, milagrosamente, continuou intacto.

CONCLUSÃO

A auto-estima é uma experiência íntima, diretamente relacionada ao auto-conceito que a pessoa tem sobre si mesma. A formação do auto-conceito, tanto positivo como negativo, é um processo complexo e dinâmico, que é constantemente alterado pelo sistema das relações interpessoais.

O sentimento de menos valia ou a baixa auto-estima é a tendência para o julgamento desfavorável de si mesmo que se origina numa infância marcada por desqualificações sistemáticas, por diversos tipos de abuso e pelo abandono, os quais se desdobram no decorrer da vida, limitando as possibilidades de realização da pessoa em todos os seus campos de atuação.

Os indivíduos com baixa auto-estima, geralmente, apresentam uma visão distorcida da realidade e isto faz com que tenham dificuldades adicionais no contexto de trabalho, principalmente no que se refere às relações interpessoais. A necessidade de comparar o seu desempenho com o dos outros, o medo de ser criticado, a vontade de ser perfeito, eventuais tendências de transferir para os outros a responsabilidade pelos próprios erros, são comportamentos que podem emergir em qualquer pessoa com sentimento de menos valia, em suas interações no ambiente de trabalho.

Os reflexos do sentimento de menos valia nos contextos social e amoroso são bastante significativos por limitarem as possibilidades de relacionamentos gratificantes no campo social e por invadirem os relacionamentos amorosos, desfazendo os laços que se rompem sob o peso das carências há muito acumuladas.

Na abordagem Gestáltica, o entendimento da neurose passa pela compreensão do conceito do contato e da fronteira onde ele ocorre, da configuração das necessidades entre figura e fundo, com ênfase no aqui e agora e na auto-regulação organísmica, no campo organismo meio. Nesta abordagem, a neurose é definida como uma estratégia de defesa do indivíduo para se proteger e, ao mesmo tempo, recuperar e manter o equilíbrio adequado frente à situações ameaçadoras do meio.

A auto regulação organísmica é o objetivo básico da dinâmica relacional ocorrida na fronteira de contato, quando essa fronteira é flexível, as necessidades são atendidas e vão para o fundo, abrindo espaço para a emergência de novas figuras. A falta de harmonia ou a rigidez desse sistema, impede que a pessoa tenha clareza do que é importante para ela, tornando-a indecisa e confusa.

A perda do referencial das próprias necessidades ocorre ainda na infância, quando a criança não tem a oportunidade de aprender a usar seus primeiros dentes para morder e mastigar e depois segue não tendo suas necessidades naturais atendidas, sendo forçada a priorizar as necessidades impostas pelos seus cuidadores e pelo meio. Esta perda da noção das próprias necessidades dá origem ao conflito entre as polaridades dominador e dominado, que passam a reger as manifestações da pessoa.

Os ajustes que a criança fez para sobreviver, a cada vez que precisou engolir introjetos tóxicos, influenciam suas interações na idade adulta, que passam a ser pautadas pelo uso de mecanismos que bloqueiam o contato com situações que lhe pareçam intoleráveis ou ameaçadoras. A partir desse ponto, o indivíduo se relaciona de forma fragmentada, meio insensível aos estímulos internos e externos, evitando compulsivamente enfrentar os conflitos que o conduziram à alienação de si em prol de sua identificação com o meio.

O sentimento de menos valia fica facilmente visível no indivíduo que, por necessidade, por medo ou por desconhecimento não enfrenta seus conflitos, abdicando de sua capacidade de restabelecer contato consigo mesmo. Os conflitos são tidos, na Gestalt Terapia, como situações inacabadas que permanecem inacabadas enquanto o indivíduo não as resgata, por meio da tomada de consciência e ressignificação das experiências interrompidas.

Os resultados da pesquisa revelam que os sujeitos apresentam sentimentos de menos valia e que ele foi construído a partir de experiências vividas no passado, sendo introjetadas, por ter sido esta, a forma de ajustamento mais apropriada encontrada pelos sujeitos. A saída através do ajustamento, confirma os pressupostos da Gestalt Terapia de que a criança introjeta o que lhe é intolerável para atender ao objetivo básico do organismo, que é o da sobrevivência. Os resultados confirmam também a idéia de Cukier e de outros autores pesquisados, que afirmam que a criança, por não saber distinguir entre o que é dela e o que é do outro, busca seu auto valor no meio social e, se ela é desvalorizada, não tem como se valorizar.

As pesquisas revelaram também que esta condição de menos valia tem reflexos significativos nas relações interpessoais de todas as entrevistadas, contribuindo para a constituição de neurose, confirmando a idéia desenvolvida pela Gestalt Terapia a respeito dos mecanismos de interrupção do contato, em que a pessoa não consegue mais ter suas necessidades satisfeitas pelo medo do enfrentamento do novo, passando a se relacionar de forma desarticulada, com atitudes e comportamentos repetitivos, desgastantes e improdutivos, próprios dos sintomas da neurose.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Alfredo. *A Ciência de Viver*. Tradução por Thomaz Newlands. 5ª ed. Rio: Livraria José Olympio Editora, 1956.
- BALONA, Málu. *Autocura através da reconciliação*. 1ª ed. Rio: IIPC, 2003.
- BRANDEN, Nathaniel – *Auto-estima, como aprender a gostar de si mesmo* – Tradução por Ricardo Gouveia. 36ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- CABRAL, Álvaro, NICK, Eva. *Dicionário Técnico de Psicologia*. São Paulo: Editora Cultrix, 1998/99/00.
- COURBERIVE, Jean. *Como superar o complexo de inferioridade*. Tradução por Guerino Boffoni. São Paulo: Pia Sociedade São Paulo, 1969.
- CUKIER, Rosa. *Sobrevivência emocional. As dores da infância revividas no drama adulto*. São Paulo: Agora, 1998.
- FERREIRA, Aurélio B. H. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio: Ed. Nova Fronteira, 1986.
- FORWARD, Susan e BUCK, Craig. *Pais tóxicos*. Tradução por Rose Nânie Pizzinga. Rio, Ed. Rocco, 1990.
- FREUD, Anna. *O ego e os mecanismos de defesa*. Tradução por Álvaro Cabral. Rio: Civilização Brasileira, 1996.
- GOLEMAN, Daniel. *Inteligência emocional: A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 1996.
- GONZÁLEZ Rey, Fernando L. *Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson Editores, 2002.
- GUILHARDI, H.C. *Auto-estima, autoconfiança e responsabilidade* in M.Z. S. Brandão; F.C.S. Conte & S.M.B. Mezzaroba (Orgs.), *Comportamento Humano - Tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor*. Santo André: ESETec editores associados, 2002.
- HALL, Calvin S., LINDZEY, Gardner e CAMPBELL, John B. *Teorias da Personalidade*. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
- HORNEY, Karen. *A personalidade neurótica de nosso tempo*. Tradução por Octávio Alves Velho. São Paulo: Editora Bertrand, 11ª ed.
- HORNEY, Karen. *Nossos conflitos interiores*. Tradução por Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- JEFFERS, Susan. *Tenha medo... siga em frente*. São Paulo: Ed. Pensamento-Cultrix, 1998.

- JOSLYN, Marc. *Figura/fundo: Gestalt/Zen in Isto é Gestalt*. Tradução por George Schkesinger e Maria Júlia Kovacs. São Paulo: Summus, 1977.
- MARTINS, Vera. *Seja assertivo! Como conseguir mais autoconfiança e firmeza na sua vida profissional e pessoal*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- MENEGHETTI, Antônio. *A psicossomática*. Tradução por Íria Martins. Porto Alegre, RS: Psicológica Editrice do Brasil, 1997.
- MILLER, Alice. *O drama da criança bem dotada: como pais podem formar (e deformar a vida emocional dos filhos)*. Tradução por Cláudia A. Abeling-Szabo. São Paulo: Summus, 1997.
- PACHECO, Jaime Lisandro. *Elos refeitos: aposentados contam e refazem suas trajetórias de vida*. Campinas - SP UNICAMP/CMU; Holambra - SP: Editora Setembro, 2005.
- PERLS, Frederick Salomon. *A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia*. Tradução por José Sanz. Rio de Janeiro: Livro técnicos e científicos editora, 1988.
- PERLS, Frederick Salomon. *Ego, fome e agressão*. Tradução por Georges D. K. Boris. São Paulo: Summus, 2002.
- PERLS, Frederick Salomon. *Escarafunchando Fritz – Dentro e fora da lata de lixo*. Tradução por George Schlesinger. São Paulo: Summus, 1979.
- PERLS, Frederick Salomon. *Moral, fronteira do ego e agressão in Isto é Gestalt*. Tradução por George Schkesinger e Maria Júlia Kovacs. São Paulo: Summus, 1977.
- PERON, Ademar J. *Metodologia Científica*. Brasília: Edição do autor, 2001
- RIBEIRO, Jorge P. *Vade-mécum de Gestalt Terapia. Conceitos básicos*. São Paulo: Summus, 2006.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. *O ciclo do contato. Temas básicos na abordagem gestáltica*. São Paulo: Summus, 1997.
- RIBEIRO, Walter F. R. *Existência essência: Desafios teóricos e práticos das psicoterapias relacionais*. São Paulo: Summus, 1998.
- RODRIGUES, Aroldo, ASSMAR, Eveline M. Leal e JABLONSKI, Bernardo. *Psicologia Social*. 19ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- SHEEHAN, Elaine. *Baixa auto-estima: Esclarecendo suas dúvidas*. Tradução por Ruth Rejtman. São Paulo: Agora, 2005.
- STEINEM, Gloria. *A revolução interior. Um livro de auto-estima*. Tradução por Myriam Campello. Rio, Ed. Objetiva Ltda, 1992.
- TENÓRIO, Carlene Maria. Psicopatologia na perspectiva da gestalt-terapia. In: Os transtornos da personalidade histriônica e obsessivo compulsiva na perspectiva da gestalt-terapia e da teoria de Fairbairn. Tese de doutorado, Brasília: UNB, 2003.

APÊNDICE

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Apelido:

Sexo:

Idade:

Naturalidade:

Estado civil:

Posição na família de origem:

Escolaridade:

Profissão:

Ocupação:

Religião:

- 1) O que você sabe sobre seu nascimento e os três primeiros anos de vida?
- 2) Relação com os pais:
 - Como foi sua amamentação?
 - Você se sentia amada pelos seus pais?
 - Como você percebia o afeto deles?
- 3) Conte como foi o relacionamento entre você e seus irmãos na infância e adolescência.
- 4) Fale sobre experiências de sofrimento marcantes da infância. O que fez para enfrentá-las?
- 5) Conte uma experiência feliz de sua infância.
- 6) Fale de experiências desagradáveis que você viveu na escola e como foi sua reação?
- 7) Quais são os reflexos das experiências difíceis ou negativas da infância e adolescência na sua vida afetiva, social e profissional?

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TEMA: O sentimento de menos valia na constituição da neurose.

OBJETIVOS GERAIS: Compreender como o sentimento de menos valia surge na vida do indivíduo e como ele atua na constituição da neurose e seus reflexos na vida afetiva, social e profissional da pessoa.

PROCEDIMENTOS: Será realizada entrevista semi-estruturada com dois sujeitos, em um ambiente reservado, em que estejam presentes apenas, o entrevistado e a entrevistadora. Será utilizado um gravador para gravar a entrevista, para fins transcrição dos dados e utilização neste trabalho e em seguida a fita será inutilizada.

GARANTIA DE ACESSO: o entrevistado terá acesso à responsável pelo trabalho de pesquisa, a qualquer momento, para esclarecimento de eventuais dúvidas, por meio do telefone 3443.4445 e 81530777. O profissional responsável pelo trabalho é a Professora Carlene Maria Dias Tenório que pode ser encontrada no endereço SEPN 707/907 – Campus do UniCEUB – Bloco 10, Asa norte, Brasília (DF).

GARANTIA DE SAÍDA: fica garantida a liberdade da retirada de seu consentimento a qualquer momento, deixando de participar deste estudo, sem qualquer prejuízo à continuidade de seu atendimento.

DIREITO DE CONFIDENCIALIDADE: sua identidade será preservada, assim como as identidades de todas as pessoas as quais você se referir.

Eu, _____ acredito ter sido suficientemente informada a respeito do que li ou do que foi lido para mim, descrevendo o estudo.

Concordo voluntariamente em participar deste estudo, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a realização do mesmo, sem penalidades ou prejuízos quanto ao meu atendimento neste Campus.

Brasília (DF), ____/____/2006

Assinatura do sujeito ou do representante legal

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste sujeito ou de seu representante legal para a participação neste estudo.

_____/____/2006
Assinatura da responsável pelo estudo Local Data

AUTORIZAÇÃO

Pela presente autorizo Maria de Fátima Santos, RA 2021182, responsável pelo trabalho de pesquisa, O sentimento de menos valia na constituição da neurose, a gravar a entrevista mencionada no Termo de consentimento livre e esclarecido. Estou ciente de que o conteúdo da fita será utilizado apenas para fins específicos de subsidiar esse trabalho e que a mesma será destruída após a transcrição dos dados.

Brasília (DF, _____, de outubro de 2006.

Assinatura do sujeito

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária esta autorização deste sujeito para gravar a entrevista para fins de subsidiar o trabalho, objeto do termo de consentimento livre e esclarecido por ele assinado.

Brasília (DF), _____, de outubro de 2006

Assinatura do responsável pelo estudo